

# O INIMIGO

# DO REI

SALVADOR • BAHIA • EDIÇÃO BIMENSAL • Nº 4 ANO 3 • FEVEREIRO & MARÇO DE 1979

ENFIM UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

## JORNALISTAS LUTAM POR SUA ORGANIZAÇÃO



PÁGINAS 3 E 4

## AUTOGESTÃO - II

PÁGINAS 17 E 18

cr\$ 10

## "ALÉM DE PRETO, BICHA!"

E MAIS:

HOMOSSEXUALISMO

E

POLÍTICA,

PÁGINA 16

CAPA: CARLOS RODRIGUES

PÁGINAS 14 E 15

## ZEZÉ MOTA

Página 13

EXCLUSIVO



# NERO E AS VOZES DE BARCELONA

Janeiro é o marco de uma nova fase na vida política nacional em que os sindicatos devem consolidar as conquistas de base, obtidas graças aos movimentos de São Paulo e Minas em que as tradicionais "lideranças" foram empurradas para a margem pelo operariado e novos nomes acrescidos ao cenário nacional.

Nada isto aconteceu por acaso. Por mais rígida que seja a censura sobre os movimentos libertários, não pode deixar de influir no panorama operário, a força moral de uma CNT poderosa que de Espanha mobiliza contingentes jovens, na faixa de 25 a 30 anos, capazes de jogar nas ruas, como rolo compressor, o protesto de até 300 mil pessoas, em Madrid ou Barcelona.

O quadro internacional e nacional pressiona o movimento sindical baiano. Os jornalistas se reúnem inúmeras vezes e decidiram por uma alternativa aos esquemas tradicionais, visando a reabertura de seu organismo de classe. Não será uma tarefa fácil. Trata-se de uma movimentação nas barbas de Nero, o agente de El Rei equinocrata, apoiado por um Senado transformando em Câmaras de Lords, onde a bovinocracia tem uma representação gordurosa na bionicidade baiana.

O operariado se movimenta num cenário onde as minorias não mais aceitam o silêncio, imposto por 14 anos de autoritarismo, que agora promete uma cavalgada juelinista e para isto não falta até mesmo uma nova Brasília para diminuir as tensões que cercam o conglomerado urbano de São Paulo. Os negros reclamam sua posição de combate e os homossexuais gritam por liberdade.

Os estudantes experimentam o continuismo em seu Diretório Central e reclamam de que a Universidade, da forma que anda, tanto pode ficar "aberta" como fechar as portas literalmente. Não faz diferença. A alternativa é a Federação Livre Estudantil. Uma lição que serve ao movimento sindical. A continuar os sindicatos presos à tutela do Ministério do Trabalho, corrompidas pela Contribuição Sindical, ou em mãos de líderes caricaturais, será melhor se formar a entidade paralela capaz de unir todos que trabalham, e não segundo o subjetivismo legal que cataloga os trabalhadores em segmentos diversos, tendo em vista unicamente melhor explorá-los.

O crescimento gráfico de *O Inimigo do Rei* é vetor e consequência do que ocorre em sua volta. Fundamentando sua posição na audiência das bases, o que era um tabloide estudantil, hoje amplia seu raio de ação. De um sindicato vai a outro. Estende as mãos aos trabalhadores gráficos para que voltem a dialogar com seus companheiros Jornalistas. Alela aos sindicatos para que acompanhem as lutas das demais forças vivas da Nação. Recusou o *Arenebê* montado em 15 de novembro e os números da apuração mostraram que tinha razão: entre os que votaram nulo, em branco ou simplesmente se abstiveram, estão aqueles que recusam não só a democracia burguesa como aspiram para a crise no capitalismo um desfecho que não seja a substituição de uma ditadura por outra, mas sim a construção de uma democracia econômica com base na autogestão.

## EXPEDIENTE

*O INIMIGO DO REI* é feito pela seguinte equipe, em ordem de sorteio:

Alexandre Ferraz, Antônio Carlos Pacheco, José Liberatti, Roberto Vieira Machado, Hamilton de Jesus Vieira, Aldeneide Fonseca, Antônio, L. Valente, Cláudio Miranda, Ricardo Líper, Carlos Rodrigues, Eduardo Nunes, J. Canindé, Armiro Seixas, Hilda Braga, Aurélio Vellame, Antônio Fernandes Mendes, Jorge de Sá.

Correspondente para a Europa: Sebastião Santa Rosa.

Nº 4. Publicação bimensal. Preço de exemplar avulso: Cr\$ 10,00. Assinatura anual: Cr\$ 60,00. Correspondência: Caixa Postal 2540. Salvador Bahia, CEP 40.000.

## AOS ASSINANTES:

1. Não chegando qualquer dos números do jornal, favor avisar-nos para que possamos providenciar.

2. Comunicar-nos qualquer mudança de endereço.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio — Rua do Livramento 189. Tel 243-7671. Rio de Janeiro.

# Opinião da imprensa

De HÉLIO FERNANDES

"O FILME de Giulano Montaldo é aterrorizante. São 130 minutos de sobressaltos, de angústia, de violência contida ou incontida, escondida ou ostensiva, violência física e jurídica, uma se sobrepondo à outra sem se saber qual das duas é mais destruidora. Se aquela que atinge fisicamente o homem, ou a outra que o sufoca, oprime, intimida, revolta, mas o mantém acorrentado aos padrões que interessam aos poderosos do dia ou das circunstâncias.

"O EPISÓDIO Sacco e Vanzetti, que comoveu o mundo em 1920, é típico dessa necessidade que têm os poderosos ocasionais ou não, de montarem dispositivos de terror que intimidem os que têm reivindicações (políticas, sociais, econômicas, financeiras etc.) a apresentar. O caso Sacco e Vanzetti começou como um simples episódio policial e só a partir da eficiência de um policial penetrado e de boa memória é que ganhou as suas verdadeiras características de intimidação. E o curioso é que também só a partir de determinada fase do processo, Bartolomeo Vanzetti (muito mais do que Nicola Sacco) se compe- ntrasse da importância do que estava ocorrendo. É quando ele diz sem dramaticidade mas com evidente orgulho: "Fomos injustiçados, mas essa injustiça deu uma grande significação às nossas vidas. Antes, morreríamos como dois trabalhadores anônimos. Agora somos dois mártires e dois símbolos que a humanidade não vai esquecer."

"PROFÉTICO. Perfeito. E principalmente revelando uma compreensão do processo (o político, o jurídico e o histórico) que o próprio Bartolomeo Vanzetti esqueceria ao assinar o pedido de clemência endereçado ao governador Fuller.

"O DESFILE de personagens desse episódio cada vez mais simbólico e representativo, é, como eu disse, aterrorizante, mas não é nem um pouquinho surpreendente. O juiz Tayer é sórdido, o promotor Katzmann é um calhorda completo, o governador Fuller é um farsante, o diretor da Penitenciária lembra aquele julgamento de Bernard Shaw ("numa prisão não sei quem é o homem mais apavorado; o prisioneiro ou o seu diretor"). Mas todos eles cumprem integralmente as suas obrigações como "defensores do regime e do sistema, como guardiães do governo constituído".

"KATZMANN é frio e implacável, é o promotor treinado na sua função, capaz de aproveitar tudo para massacrar os acusados (já antecipadamente condenados, pois é isso que se espera daqueles 12 impávidos jurados que estão ali única e exclusivamente para "decretar" essa condenação indispensável) e tornar ainda mais insustentável a situação deles. Para obter sucesso e provavelmente mais uma promoção e até um razoável e compreensível aumento de salário, ele não hesita diante de coisa alguma. E até se vangloria do seu trabalho obstinado, quando diz diante de pessoas importantes, no coquetel de personalidade: "Eu estou provando que esses homens querem destruir a América". Provavelmente sairá dali para dormir serenamente, convencido que cumpriu o seu dever. E não há como negar. Do ponto de vista do regime cruel a que serve, ele está coberto de razão. Não importa que milhões de pessoas sofram, sejam intimidadas, morram de fome ou sejam exterminadas de qualquer maneira. O importante é a classe dominante à qual ele pertence. E do seu ponto de vista, morrer de fome ou morrer na cadeira elétrica é uma sutileza que não chega a preocupá-lo. Do ponto de vista humano, o promotor Katzmann é um pobre diabo dominado pela obsessão (e pela necessidade) de manter o seu emprego, o seu salário, as suas condecorações, a aparência de felicidade que conseguiu montar e manter à custa não se sabe de quanta insensibilidade, subserviência ou transigência.

"O juiz, outro insensível completo, não chega a existir do ponto de vista humano ou mesmo se for julgado pelos padrões pseudamente éticos da carreira a que pertence. Mas como membro conspícuo da classe dominante, ele é irrepreensível. É o calhorda que age como calhorda, pensa como calhorda e serve como calhorda, sem o menor constrangimento. De uma certa forma ele se assemelha ao revolucionário

espanhol que perguntava: "Há governo nesta terra? Sou contra". O juiz Tayer também é assim, embora as suas "convicções" se mantenham sempre cautelosa- mente, e sempre a favor.

"AS INTERVENÇÕES do juiz Tayer são todas de um cinismo revoltante. Mas a toga da Justiça é rasgada e violentada em nome de um princípio que não se pode sequer colocar em dúvida: a defesa do poder constituído. Quando o promotor, no seu zelo profissional, ultrapassa o limite que até para esse estranho juiz pode parecer inaceitável, Tayer adverte o promotor, mas por via das dúvidas coloca a defesa na mesma advertência. A defesa não tinha nada com a transgressão, mas quem sabe se não há um olheiro do governador e essa advertência pode manchar a sua ficha irrepreensível de servidor incondicional?

"DE TODOS, o pior inegavelmente, é o governador Fuller. Pior porque mais lúcido, mais inteligente, mais culto e portanto mais perigoso. O promotor Katzmann e o juiz Tayer são dois pobres diabos que provavelmente não passarão da periferia do poder, e embora não saibam, são tão explorados quanto os próprios acusados Sacco e Vanzetti. Mas o governador Fuller é de outra espécie. Ele raciocina, ele dialoga, ele convence, e por causa disso está quase na cúpula do sistema que tritura homens como Sacco e Vanzetti e pega na mesma malha indivíduos inteiramente serviais como Katzmann e Tayer. O que vem provar que, no final das contas, revolucionários, reformistas, acomodados, revoltados, sensíveis e insensíveis servem da mesma forma de bucha para canhão, são triturados pela mesma máquina, escapam alguns poucos. E um desses poucos é o governador Fuller. (Os outros são os Morgan e os Rockefeller, citados corajosa e nominalmente no filme).

"UMA das coisas mais deprimentes para a humanidade, mas das mais antológicas do filme, é o diálogo entre o governador e o acusado (já duas vezes condenado, pelo júri propriamente dito e antecipadamente pelo próprio sistema) Bartolomeo Vanzetti. É um diálogo deprimente, vergonhoso, diabólico. Nesse diálogo, um juiz bem instalado na vida, vitorioso pelos seus próprios padrões, tenta apagar toda e qualquer possibilidade de revolta para a sua consciência, transferindo para o prisioneiro a decisão que cabe a ele proferir.

"NUNCA ninguém desceu tão baixo quanto esse governador Fuller, quando consciente e inexplicavelmente pergunta ao acusado Bartolomeo Vanzetti:

"O QUE FARIA VOCÊ NO MEU CASO?"

"ALÉM do martírio iminente, já antecipadamente aprovado e determinado, o governador Fuller joga para cima do acusado a responsabilidade de justificar a própria condenação.

É CLARO, lógico e irrefutável que a impotência de Sacco e Vanzetti diante de um tribunal atrabiliário, que despreza todas as provas da defesa mas enfatiza as proporções das mentiras de acusação, é a mesma impotência do homem diante do poderoso Estado moderno. Sacco e Vanzetti, o documento e o documentário se parecem do princípio ao fim, a tal ponto que ninguém mais consegue distinguir onde acaba a realidade e começa a ficção, ou onde termina a ficção e recomeça novamente a realidade. Uma realidade humilhante, atordoante, enervante, absorvente, asfixiante, angustiante, desesperadora.

"DIANTE do Estado, senhor de todas as coisas, de todas as vontades e de todos os pensamentos, não resta ao homem nenhum outro direito, nem o direito da refutação, nem mesmo o direito de provar a verdade. Não adianta refutar a testemunha que disse que viu Bartolomeo Vanzetti dirigindo um automóvel, pois o argumento irrefutável de que ele não sabe dirigir é desprezado pela acusação, pelo promotor, pelo juiz e pelos jurados. Não adianta provar com o testemunho do

próprio cônsul, que Nicola Sacco estava num local muito diferente de onde houve o crime, pois o juiz ocorre o promotor não deixando a testemunha prosseguir, e ameaçando-a de represálias caso continue a usar a sua condição de representante de um país estrangeiro.

"NÃO adianta nada, todas as tentativas de provar a verdade esbarram diante da determinação fria da acusação, que não pode recuar de forma alguma. Menos pelo sadismo da destruição física, mas porque é preciso esvaziar o homem de todo o seu conteúdo, para preservar a importância e o poderio do Estado, garantir a continuidade no poder de toda a classe dominante, à qual pertencem o promotor, os jurados, o juiz, o governador e até mesmo algumas das testemunhas.

O QUE Bartolomeo Vanzetti, Nicola Sacco, o advogado Moore e todos os radicais que vieram antes e depois deles não compreenderam, é que a Justiça é sempre a justiça da classe dominante, cheia de erros, de equívocos, tendenciosa, violenta e revoltante, ela é sempre a justiça da classe dominante.

"NA GRÉCIA de Sócrates, de Platão e de Aristóteles; na Roma dos Césares e dos pró-cônsules; no feudalismo; no colonialismo; na burguesia-progressista; no socialismo e na ditadura do proletariado, a Justiça é sempre a justiça da classe dominante. E por mais injusta que seja essa justiça, ela está sempre certa (ou pelo menos é justificável) do ponto de vista do poder constituído. Podemos não aceitá-la e é justo e indispensável que lutemos para reformá-la. Mas do ponto de vista do poder constituído, ela é irrepreensível.

"MESMO que os anarquistas (que teoricamente constituem a única e irrefutável sociedade sem classes, por não ser uma ideologia nem uma filosofia e sim uma utopia) chegassem ao poder, no dia seguinte estaria estabelecida a justiça da classe dominante. E a justificativa seria a mesma que vale para todos os governos, regimes ou sistemas: a defesa do Poder constituído. Exclui-se dessa generalização, única e exclusivamente a Democracia, que na definição magistral e quase mediúcnica de Winston Churchill, "é o pior de todos os regimes, excetuados naturalmente todos os outros".

"MAS mesmo a Democracia tem, que se defender, tem que se adaptar a uma situação que se não oferece opções, pelo menos apresenta uma enorme perplexidade. O poder que não se defende, se destrói, se violenta. O Poder que se defende, destrói e violenta. É essa a alternativa terrível em que vive a humanidade desde os tempos de uma vida primitiva, até os tempos de hoje em que a violência tem os mesmos aspectos primitivos mas é utilizada e aplicada dos dois lados; em nome do progresso, da civilização, da igualdade de todos. Na verdade, viva onde viver, qualquer que for o seu destino ou sua procedência, o homem só é realmente igual na violência. Isso está admiravelmente expresso, implícita e explicitamente, nesse fantástico episódio Sacco e Vanzetti, no documento de 1920 e no documentário de 1972.

"PS — Agora, reabilitados Sacco e Vanzetti no mundo todo, por que não liberar o belo filme feito sobre um dos mais dramáticos episódios da História moderna? O documento e o documentário estão cada dia mais atuais, cada vez mais presentes, apesar ou por causa da reabilitação. O público conhece o documento. Por que não deixar que conheça também o documentário, que não tem nada de destrutivo ou de subversivo?

"E SE agora eu já posso escrever sobre o filme, e sobre a realidade que cerca o filme (a mesma em 1920 e em 1978), por que só o público não pode assistir o espantoso documentário de dois homens sufocados pelo terrível Estado, tão forte ontem quanto hoje, tão invencível hoje quanto será amanhã?"

H. F.

(Transcrito da Tribuna da Imprensa, Rio, 1/8/78)

# TODOS CONTRA

A insatisfação com a censura interna, os baixos salários e as condições de trabalho, além da discriminação nas redações, ocupou o maior espaço da enquete feita pelo **O Inimigo do Rei** junto aos jornalistas de Salvador. Todos disseram o que aspiram de uma organização de classe, defendida com maior vigor pelos **bagrinhos**, os jornalistas que as empresas chamam de "estagiários" para pagá-los menos por um trabalho igual ao de seu colega "profissional".

Assim nasce a organização alternativa, como previsto na seção de Cartas d' **O Inimigo** nº 3. Livre da tutela ministerial, a frente terá mais flexibilidade de ação e poderá pressionar as organizações acadêmicas a participarem das reivindicações econômicas e políticas que hoje se manifesta no meio operário baiano e brasileiro.

O que **O Inimigo** recolheu de opiniões daria para produzir centenas de laudas, mas o espaço limitado fez a redução para o mínimo, após consulta aos entrevistados:

**GILSON NASCIMENTO J.Ba.**) pensa numa entidade de classe que: "conscientize o jornalista do papel que representa na sociedade excepcional de hoje"... "defendendo seus associados, ou não, por melhores padrões salariais". Assessorando outras entidades de classe e sindicatos... "dando apoio integral à Concisa"... "atuando em todas as representações de bairros, nos comitês de anistia, nas representações estudantis junto aos próprios partidos políticos, aos movimentos feministas, aos movimentos sociais da Igreja, da Ordem dos Advogados, do Instituto dos Arquitetos e Clube de Engenharia"... "Em síntese é preciso acabar a posição de boquete porque, dentro de uma análise superficial da sociedade brasileira de hoje, é fácil verificar que de certa forma somos rebocados. Está rebocado e até piripicado". **Tribuna da Bahia**.

## LUIZ FERNANDO CARVALHO

— No caso dos jornalistas acredito que os seus diretores só poderão ser defendidos através do órgão representante da classe.

A organização atual tem um caráter "apenas simbólico" e o resultado disso é que nós jornalistas, que estamos sem fala perante o regime atual, ficamos indefesos para enfrentar os problemas que surgem referentes à profissão. "Dentro de um contexto nacional tivemos o exemplo dos operários de São Paulo que conseguiram muitas vitórias. Acho que a luta é de todos e só assim poderemos, repito, defender nossos direitos perante as classes dominantes e contra o poderio econômico".

## SAMUEL CELESTINO (A Tarde):

"Lideranças de emergência, impostas, devem dar lugar às novas e autênticas e ajudá-las. Os metalúrgicos paulistas conseguiram negociar com seus patrões, sem a interferência do governo. Estes tipos de acordos serão, doravante, comuns e as lideranças devem estar preparadas para eles. Não adianta agredir a classe patronal simplesmente por agredir. São duas forças em jogo, o capital e o trabalho".

## WALDEMIR SANTANA CORREIO DA BAHIA

— Não existe uma fiscalização do exercício da profissão e os jornais locais insistentemente colocam profissionais de outras áreas em suas redações, seja na reportagem, editoriais ou mesmo revisão, atividades enquadradas na lei que regulamenta a nossa profissão. Além disso ainda admitem estudantes do primeiro ano como estagiários. Com isso o profissional fica entre dois fogos cruzados. Concorre com os pseudos literários, que estão estupidamente mais valorizados pelos patrões do que o jornalista formado, e com os estagiários precosses, usados nas redações como arma a ser acionada toda vez que um esvaziamento dos quadros possa gerar uma pressão para valorização profissional".

## WELLINGTON FONSECA RIBEIRO (C.B.)

Dirigiu seu protesto e de outros alunos de Comunicação contra o anúncio publicado pela Tribuna da Bahia, oferecendo "estágio" para editores, redatores e repórteres, "de preferência", da área de Comunicação.

## ALDENEIDE M. DE ALMEIDA FONSECA (C.B.):

"Na luta pela reabertura é importante o desenvolvimento de um trabalho de base onde seja garantida a participação de profissionais, estagiários e estudantes da E.B.C. Dessa prática é que se pode chegar às livres negociações com os patrões e conseqüentemente melhoria das condições de trabalho. Nesse processo não se pode esquecer a aliança com os gráficos, os operários responsáveis pelo produto final impresso."

## HILDA BRAGA (O Inimigo do Rei):

"Uma assembléia tem por definição a reunião de pessoas para determinado fim. Quando esta diz respeito a jornalistas, tendo como bandeira de luta a liberdade, não poderemos, então, dissociá-la do conceito de democracia. Ou, então, estamos diante do **oportunismo político**: a defesa de uma bandeira de luta para subir ao poder, para controlar, manipular de acordo com os interesses próprios. Num país onde, pela primeira vez, após o golpe militar que implantou uma ditadura, luta-se pela democracia e pela liberdade, a atitude de indivíduos que tentam emperrar este processo é suspeita, suspeitíssima. A atitude manipuladora de alguns colegas nos parece bastante sintomática do regime político em que vivemos. Essas tentativas de manipulação política dão-nos mostras de um profundo oportunismo e do seu caráter autoritário e contrário aos interesses da classe".

## JOLIVALDO DE FREITAS (CB)

"É o mesmo que perguntar de que lado estamos do Equador. Só que, ao contrário da letra de Chico Buarque, do lado de lá e de cá existem pecados. Muitos daqueles que lutam pela reabertura não significam nada para a classe, porque visam apenas satisfazer o ego."

"Falo isso e poderia dizer mais, como, por exemplo,

compará-los aos falos democratas que visam apenas pongar na história. A luta que vem se empreendendo é totalmente válida. Torna-se necessário, no entanto, anular os atravessadores, muito menos emplacar os amigos. Vale tentar novas saídas, novas idéias, porque lutar todo mundo está disposto: pensa-se que é bonito, que é ser atuante e que é estar engajado".

## AZIMUZETE SANTANA (T.B.):

"Vovê entra numa redação de jornal aqui em Salvador e não encontra nenhuma mulher chefiando reportagem ou aditando um setor. O que já houve foi tão pouco que tem expressão. Para mim, não há nada melhor do que ser repórter. Mas, na hora de ser promovida, a mulher consegue, no máximo, ser **copy** e, ficar em uma editora, é apenas como substituta do titular, que, como não poderia deixar de ser, é um homem. A fotografia passa pela mesma discriminação. Não estou me referindo à capacidade e nem a mim, especificamente, mas da mulher em geral.

## AURÉLIO VELLAME (A Tarde):

"Calma rapazes. Na hora diremos".

## JOSÉ ARMANDO TORTELLI (I.C.):

"Os diagramadores não participam das reuniões de pauta. O diagramador recebe o material como se fosse um contador de linhas. Como vai a roupa à matéria, ele é importante, porém sempre esquecido".

## ANTÔNIO LOUREIRO VALENTE (CB):

"Os fotógrafos não são considerados repórteres pelas empresas. Saem para fazer fotos e não reportagem fotográfica. Há discriminação salarial em relação ao colega repórter de texto, do mesmo nível. Há há editoriais de fotografias nas redações.

"Dificilmente os jornais da Bahia registram os fotógrafos como repórteres fotográficos. Os laboratoristas têm carga horária superior a oito horas, mais do que seu colega repórter fotográfico, que só trabalha cinco, embora a maior parte do trabalho seja no laboratório".

"Insalubridade: Leite não impede os efeitos do ácido acético, e não se paga os 15 por cento. O material é castrado antes de chegar a redação. E falta segurança para trabalhar".

## Maria Isabel (Movimento):

"Agora, mais do que nunca, precisamos nos conscientizar de que só a união de todos poderá fortalecer a luta a ser travada por melhores condições de trabalho, salários dignos que as empresas se negam a pagar e diversas reivindicações".

## JOSÉ WELLINGTON ARAGÃO

"Como futuros associados os estudantes podem participar de várias formas: frequentando reuniões, opinando, influenciando, pensando, agindo, pois isso já não é mais proibido".

# Jornalismo:

## Das comissões de empresa à nova organização de classe

Atualmente assistimos no Brasil uma tentativa de renascimento das bases sindicais. Isso é motivo existencial para que se possa refletir sobre as condições, formas e táticas das ações dos trabalhadores organizados. Assim, pretendemos em rápidos e simples artigos traçar alguns comentários sobre o significado dos sindicatos e dos sindicalistas no contexto do nosso capitalismo.

Primeiramente devemos reconhecer que o sindicato é um movimento das classes trabalhadoras. Por isso, o sindicato constitui a base da solidariedade no conflito dos operários contra os patrões. Os sindicatos operários constituem modelo para o futuro, apresentando-se como uma via de profundas transformações socio-econômicas. É portanto mais do que um protesto isolado ou individual. É uma procura de novas bases nas massas de novos meios de ação numa sociedade dia — a — dia mais industrializada.

Uma grande contribuição da revolução russa de 1917 foi ter mostrado certa futilidade do terrorismo individualista e a esterilidade das discussões acadêmicas. A violência individual é apenas ira — uma frustração na conduta que objetiva seus propósitos. Os atos individuais de propaganda pela ação assim como de pequenos grupos conspiradores — salvo pequenas exceções — revelam falta de melhor questionamento global da organização social, comprometendo, muitas vezes, o dinamismo das mudanças sociais. Ravachol, Emile Henry e muitas outras figuras dos fins do século XIX apenas serviram de reflexos dos profundos sentimentos de inquietação e de revolta contra a sociedade industrial. Simbolizaram o descontentamento das massas. Porém, suas ações não revelaram atos revolucionários, mas iconoclastia. Há de se entender que na adaptação dos indivíduos dentro de uma sociedade existe uma diferença entre o revolucionário — aquele que rejeita os valores vigentes quanto a fins e meios e propõe novos

valores fins e novos valores meios — e o iconoclasta-aquele que propõe a substituição dos meios, rejeitando os fins, mas não tem um modelo de fins sociais para substituir os derrubados. Devemos, pois, constantemente questionar as “possibilidades da autonomia de uma personalidade humana jogada dentro da necessária heteronomia que a vida social implica”.

É claro que as experiências da “propaganda pela ação” não se reduzem simplesmente a um rótulo de rebeldia. O terrorismo sempre implica um dilema. Por um lado, apesar das crises periódicas da economia capitalista, o maquinismo legal e constitucional susceptível de promover a reforma sócio-econômica e repressiva torna-se cada vez mais eficiente, há de se contrapor os países em que as possibilidades de uma atividade política da classe operária mal exista, permitindo assim maior dose de violência direta. Por outro lado, no dizer de Elisée Reclus — anarquista e geógrafo eminente — referindo-se ao problema. “Se um indivíduo isolado, possuído de raiva, se vinga sobre a sociedade que o educou tão mal, o alimentou tão mal, o aconselhou tão mal, que posso eu dizer? É o resultado de forças terríveis, a consequência de paixões profundas, a erupção da justiça nas suas fases primitivas”.

Destruir a cabeça econômica não é deitar por terra cabeças políticas — já disseram.

Nesse aspecto, sempre culpamos os libertários. A ilusão criada que o marxismo parecia ser de longe uma força revolucionária mais efetiva que o anarquismo; a falta de uma grande revolução que servisse de marco histórico para o socialismo libertário; a falta de um movimento disciplinar regular; a condenação policial etc, talvez possa explicar a conexão popular feita entre anarquismo com os autores de um certo tipo de violências criminosas.

É no movimento sindical organizado que melhor se percebe a batalha entre o comunismo e o anarquismo. O terrorismo individual é diluído dentro das bases das novas formas e táticas sindicais. Proudhon pregou um programa pelo qual os operários nas oficinas se apoderariam dos meios de produção sem necessidade de instituições políticas; Bakunin pensava na oficina ou na fábrica como um possível núcleo da revolta social; o anarquista jurassiano Adhémor Schwitzguébel propôs a greve geral como o modo mais simples e mais eficaz de conquistar o controle dos meios de produção.

Foi, porém, na França que se desenvolveu aquilo que serviria de modelo para uma nova forma e tática da possibilidade de ação pelos sindicatos e que teve inúmeras repercussões pelo mundo. Enquanto na Alemanha e na Inglaterra os movimentos sindicais estavam interessados no fomento pacífico dos salários e das condições de emprego dos operários industriais, e em estabelecer relações estreitas com os crescentes partidos políticos socialistas, na França, principalmente na época em que Fernand Pelloutier foi indigitado para secretário-geral da Fédération des Bourses du Travail, a organização sindical caracterizou-se por uma doutrina de ação industrial diretamente independente de quaisquer partidos políticos.

Assim, a diretiva da organização dos trabalhadores, servindo de padrão para uma futura reorganização da sociedade na base do controle da indústria pelos operários, vê-se perante um programa básico de educação da classe trabalhadora, e o sindicato, autogerido pelos próprios trabalhadores, um centro não só de contestação mas de estudo onde o operário possa refletir sobre a sua condição, discutir os elementos do problema econômico, no objetivo de mentalizá-los na libertação a que tem direito. Uma nova concepção do sindicato — idéias de Proudhon, Bakunin, Kropotkin etc., lavadas as suas conclusões naturais.

## SINDICALISMO E TERRORISMO INDIVIDUAL

Ao contrário da vitalidade demonstrada pelo movimento operário no sul do país no ano passado e começo de 1979, na Bahia os poucos setores que tentaram contestar a política salarial autoritária, encontraram como primeiro obstáculo, ora a ausência de organizações que pudessem canalizar o protesto ora a presença de entidades fantasmas, com pelegos e neopelegos que não contam com a confiança dos trabalhadores, nas empresas.

Ao mesmo tempo que os metalúrgicos — da Usiba basicamente — tentavam fazer a empresa cumprir o contrato coletivo de trabalho, a direção da entidade de classe se mostrava desvinculada das bases e os associados encontraram a forma mais avançada de protesto, contra a sua própria burocracia, rasgando as carteirinhas e saindo do Sindicato, em massa.

Entre os bancários a grande frustração aconteceu quando da realização do seu congresso nacional, onde a presença de uma oposição da Bahia levou a que se condenasse o fato dos delegados não terem sido eleitos em suas bases, da mesma forma que se discordou de uma reunião em que tanto o regimento quanto o temário foram elaborados de forma a que as minorias de oposição não pudessem se manifestar livremente contra a política de apoio disfarçado ao Governo, desenvolvida pela confederação dos bancários.

Noutros casos o nível de organização dos trabalhadores mostrou-se tão atrasado que as melhores propostas vieram dos estudantes. Foi o que aconteceu com os jornalistas, há dois anos sem uma entidade que possa canalizar seus protestos e que começaram a

se reunir nos últimos meses do ano em busca de uma nova e mais consequente organização.

Assim nasceu a proposta dos jornalistas vinculados à Federação Livre Estudantil no sentido de que comissões de empresas fossem eleitas nos locais de trabalho a fim de levantarem os problemas da classe a partir das bases, ao contrário do que até então vinha ocorrendo.

Pelo seu conteúdo democrático logo os próprios jornalistas acataram a proposta partida, igualmente, de alunos de Comunicação que já trabalham como estagiários nos jornais de Salvador. E, ao serem realizadas as eleições diretas, os trabalhadores votaram justamente naqueles nomes desvinculados e independentes do mandonismo estabelecido por pequenos grupos da situação que vinham se arvorando em “representantes” segundo a auto-eleição e a bionicidade descarada.

Redação por redação os mais votados foram: Alexandre Ferraz, Luiz Fernando de Carvalho, Otto Miranda, Maria do Socorro Schaun (T. Ba.); Sobral, Helena e José Cavalcante e Jorge (DN), Reynivaldo Brito, Rafael Pastore Neto (A Tarde, J. Ba.), Aurélio Vallame, Prata, Oto, Bené e Marcos (C.B.), Antonio Carlos Pacheco e Hilda Braga (O Inimigo do Rei).

Refletindo a realidade de cada local de trabalho, as comissões encontram pela frente uma série de tarefas que vão desde a luta salarial imediata até a criação de uma entidade de classe para os jornalistas. Como a atual legislação impede a sindicalização de jornalistas não formados, cria diferenças entre es-

tagiários e profissionais e leva a que os quadros sociais das entidades “existentes” não reflitam a realidade local, a criação de uma organização de classe dos jornalistas, (TODOS, que trabalham) têm a mesma prioridade da luta econômica e é um objetivo político integrante da luta geral dos trabalhadores contra a autocracia, de um lado e o neopeleguismo, de outro.

Além desses objetivos, repousa sobre os ombros das comissões a responsabilidade de encaminhar reivindicações específicas por empresas, onde tudo falta em termos de condições de trabalho, desde o cumprimento do mínimo determinado pela CLT até a conquista de segurança para o exercício da profissão, locais de trabalho salubres, tratamento igual para os estagiários que fazem trabalho igual ao do profissional e estabelecimento de um piso salarial.

Em São Paulo a tendência é que a comissão de fábrica volte a funcionar com grande ímpeto no ano de 1979. De forma tímida a idéia foi lançada durante a greve de 250 mil metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, em outubro, quando foram conquistados ajustes salariais acima dos índices oficiais que serviam de parâmetro para os aumentos desde 1965.

Órgãos colegiados, integrados por trabalhadores, nos locais de produção, eleitos por voto direto, as comissões agiriam como delegados sindicais e, uma vez tornada efetiva seus membros teriam estabilidade provisória e funcionariam como verdadeira primeira instância na solução de litígios trabalhistas, dentro das empresas.

# MARXISMO E AUTORITARISMO

"Marx é um pensador admirável no que respeita à crítica do regime capitalista do ponto de vista econômico... mas há no seu pensamento uma tendência autoritária incorrigível."

## BAKUNIN

Proudhon foi alvo de duras críticas por parte de Marx, sobretudo em seu livro "A Miséria da Filosofia". Entretanto, não se pode olvidar que muito embora seja evidente a recíproca antipatia entre os dois pensadores, nascidas desde os primeiros contatos em Paris no ano de 1844, isso não foi o suficiente para impedir Marx, no ano imediatamente posterior, de convidar Proudhon para exercer a função de correspondente da organização de propaganda internacional do socialismo, criada por Marx. Proudhon recusou a oferta argumentando que não estaria sendo coerente se a aceitasse, pois que se opunha ferrenhamente ao espírito dogmático que julgava prevalecer nos textos que Marx lhe enviava.

Os marxistas contemporâneos procuram conscientemente ou não, propagar uma visão totalmente negativa de Marx sobre Proudhon. Tal assertiva, no entanto, em nada corresponde à realidade, pois são de Marx as palavras: "Trata-se do único proletário autêntico de todos os escritores socialistas (...) a sua obra é um manifesto científico do proletariado francês e tem assim uma grande importância histórica". Além disso, mesmo depois da morte de Proudhon (1865), Marx não hesitou em elogiá-lo na sua nota necrológica escrita no mesmo ano da morte do pensador francês.

Na realidade, o motivo principal da desavença criada entre Proudhon e Marx diz respeito tão somente a questões fundamentalmente metodológicas, ou seja, das formas pelas quais o socialismo deveria ser aplicado na edificação da nova sociedade emancipadora e humanista. Com efeito, às mesmas,



rivalidades prevalentes no seio da Primeira Internacional se apresentam hoje, inalteradas. E se o marxismo ganhou corpo e notoriedade, torna-se este o principal motivo para uma avaliação da Praxis marxista, seus resultados até aqui obtidos e suas perspectivas imanentes.

Se o socialismo libertário, radicalmente anti-estatal de Proudhon não logrou obter condições de aplicação prática, não se pode negar que os postulados marxistas têm tido, no transcurso da história do século XX, todas as oportunidades de transformar-se em realidade socialmente palpável.

Sem sombra de dúvidas a partir da revolução soviética de 1917, as idéias de Marx foram apresentadas como força motora e diretriz suprema na edificação do socialismo e da democracia operária.

Não há, portanto, como negar que se houve distorções e deformidades no transcurso do desenvolvimento das revoluções socialistas neste século, é consequentemente legítimo que se credite à filosofia ideológica que as inspirou, ou seja, o marxismo, as precondições que vieram a dar origem ao atual estado de coisas.

A revolução russa de 1917 é hoje conceituada pela maioria dos marxistas como uma experiência infeliz, como um acidente de desenvolvimento da teoria original de Karl

Marx. Esta verificação, contudo, é absolutamente insatisfatória, o fundamental é que se explique porque a revolução marxista, conquistando amplamente todo o campo necessário à sua aplicação prática, não logrou gerar senão um tipo padronizado de sociedade, caracterizado pelo terror político personificado num estado ditatorial e dogmático, centralista e burocratizante, senhor absoluto do destino de toda uma coletividade.

Os que, honestamente, estiverem dispostos a reconhecer que toda e qualquer revolução marxista levada a efeito neste século, está longe de se aproximar dos postulados básicos de Marx, estão automaticamente convidados a procurar explicações para o fato.

Esta exigência traz implícita a justificação de tão arraigada crença na formulação marxista como meio de alcançar a sociedade emancipada e humanista.

Todas as implicações inerentes ao caso devem ser investigadas. Se, por exemplo, o conceito apriorístico de socialismo pressupõe viabilidade concreta do proletariado exercer o poder, porque este mesmo proletariado mostra-se, sob o socialismo marxista (ou por este inspirado), como classe dissociada do poder, subjugada pela vontade concentrada no aparelho de estado, manipulada por uma minoria prepotente e autoritária?

Quais os meios de que dispõe a revolução socialista-marxista de impossibilitar a subida ao poder de um único homem, que passe a submeter todo o corpo social à sua infalível concepção do que deve e do que não deve ser?

Como assegurar a sobrevivência do dogma marxista da "Ditadura do Proletariado", sem que se corra o risco de tornar-se uma ditadura sobre o proletariado?

Como se pode assegurar que a política desenvolvida por um partido unitário venha efetivamente corresponder à vontade majoritária de todo o povo?

Por Jorge de Sá

## KARL MARX NU

A imagem idealizada de Karl Marx, difundida por seus epígonos e seguidores, está sofrendo rudes golpes, provocando polémicas e fazendo com que seus adoradores incondicionais torçam o respectivo apêndice nasal.

Entretanto, quem tenha conhecimento de sua biografia sincera sabe a que profundezas lodosas se projetou para expulsar Mikhail Alexandrovitch e seus amigos da 1ª Internacional e que a fama de mau caráter nada surpreende.

Viveu por muito tempo às expensas de Engels, que era proprietário de uma fábrica de tecidos. Recusou receber em sua residência, no entanto, o dileto amigo e sua companheira, uma operária tecelã, visto não serem casados legalmente.

Foi freqüentador assíduo da alcova de sua empregada Helen, de quem teve um filho, recusando-se a reconhecer a paternidade, transferindo o encargo ao paciente Engels.

Ao seu futuro genro, Paul Lafargue, dirigiu insolente carta afirmando que os namorados (no caso, Paul e Laura Marx) deveriam se portar castamente e pedindo informações sobre a situação financeira do pretendente, no melhor estilo do papai pequenoburguês de subúrbio decadente.

Era sujo, intolerante, vaidoso, rancoroso, caluniador, viveu sempre de trabalho irregular, dilapidou o patrimônio da esposa a quem explorava, fazendo copiar a limpo seus medonhos rascunhos e submetendo-a a uma vida de miséria e privações.

De suas três infelizes filhas, Jeny, Laura e Eleonor, as duas últimas se suicidaram. O velho Karl tinha um ciúme doentio de Eleonor, que por oito anos esteve noiva de Lissaragay e foi competida a romper o noivado pelo pai. Enfim, um prato cheio para Freud deslindar dentro do complexo edipiano.

Concluindo, um velho machista, burguês preconceituoso, vitoriano e que só conhecia os operários através dos alfarrábios de sua biblioteca.

É o que afirma a jornalista Adele Cambria no seu livro, *In Principio era Marx*. Sugarco Edizioni, 1978.



## O pensamento do general

Parece incrível, porém Exu baixou no terreiro e... já temos novo Rei.

Para os súditos mal avisados, proclamamos que se trata do General, atualmente quatro estrelas, João Baptista de Figueiredo, ex-chefe do SNI, ex-chefe do Gabinete Militar do Presidente Médici, amante de aquitação e que irá reinar nesta senzala por seis anos, se os ventos lhe forem favoráveis...

Sua Majestade, querendo se tornar rapidamente conhecido e amado por seu povo como intelectual de profundo pensar, andou pronunciando frases de sutil sabedoria, verdadeiras jóias de síntese e beleza, que estão fazendo morrer de inveja a nata dos filósofos e pensadores brasileiros como Tristão de Athayde, Enio da Silveira, Luiz Carlos Prestes, Silvio Santos, Amaral Neto, Dr. Gustavo Corção, (este, naturalmente, no alémtulo).

A editora Alfa-Omega enfeixou essas preciosidades num volume com o título "O Livro dos pensamentos do General Figueiredo". A capa é belíssima, de cor verde-oliva, muito dentro de nosso contexto histórico.

Não, não se trata de um vulgar livro de endereços e telefones como os mais afoitos poderão

supor. A importância das idéias é tal, que as esquadras maoístas brasileiras estão tentando uma síntese dialética entre o pensamento de Mao, Figueiredo e Pinochet, este último amigo da China e que a visitará dentro em breve. A síntese seria uma verdadeira tri-alética (Mao, Pinochet e Figueiredo). Para os não iniciados, resumiremos com um dito nordestino: É tudo piranucu da mesma panela".

A importância do livro fica demonstrada com estas pérolas do pensamento do autor:

"Realmente, eu sei que o País é essencialmente agrícola. Afinal, eu posso ser ignorante, mas não tanto". (Jornal da Tarde, 27/6/78)

"Meu filho, quem passou 43 anos dentro de um quartel não pode deixar de ser militar. Estou fazendo uma força desgraçada para ser político. Não sei se vou me sair bem. Mas no fundo o que eu gosto é de clarim e de quartel". (O Estado de São Paulo, 11/8/78)

"Para mim, era melhor o cheiro do cavalo, o cheirinho do cavalo era melhor que o cheiro do povo." (O Estado de São Paulo, 22/8/78)

"Toda ditadura, como a de Vargas, acaba caindo, por mais forte que pareça". (O Globo, 5/1/78)

"Muitos dizem que sou meio circunspecto, que sou meio grosso, e uma vez eu disse a um repórter que sou, de fato, meio grosso (...). Eu nunca esconderei ao povo de minha terra o que tenho na cabeça. Se isso é grossura, eu me envergo de ser grosso." (Tribuna da Imprensa, 16/5/78)

"E o que é que tem nomear um terço do Senado? A rainha da Inglaterra não nomeia toda a Câmara dos Lordes, que equivale ao nosso Senado, e vocês vivem dizendo que a Inglaterra é uma democracia?" (Folha de S. Paulo, 5/4/78)

"O Jogo está começando e, depois que eu assumir — se for eleito, — serei o dono da bola. Se os políticos jogarem bem, ótimo. Mas se jogarem mal, colocarei a bola embaixo do braço e sairei de campo. Terá acabado a brincadeira." (Estado de São Paulo, 4/8/78)

"Eu sou a favor da livre manifestação de pensamento dos operários, desde que arbitados pelo Governo. Acho muito salutar o diálogo entre patrão e empregado, desde que também arbitrado pelo Governo." (O Estado de São Paulo, 24/6/78)

"Se fossemos dar um hectare a cada brasileiro, ninguém teria o que comer". (Folha de São Paulo, 2/7/78)

"Os sindicatos, como os estudantes, devem ter o direito de fazer tudo, menos o que a legislação vigente na ocasião veda." (Jornal do Brasil, 23/2/78)

"O que eu vou fazer no meu Governo vocês vão ver ainda. Eu não sei." (Jornal do Brasil, 26/6/78)

"Por que o Chico Buärque de Holanda, que é um compositor de quem eu gosto e admiro, tem mais autoridade do que eu para conversar sobre política? Acho que isso é preconceito. Eu estudei mais política do que ele, seguramente. Eu estudei matemática a fundo. Eu pergunto: o fato de ter estudado matemática não me daria também a condição de intelectual?" (Isto É, 5/4/78)

"É para abrir (abertura política) mesmo. E quem não quiser que abra, eu prendo, arrebro. A minha reação, agora, vai ser contra os que não quiserem abertura". (Jornal do Brasil, 16/10/78)

"A abertura (política) total e imediata é impossível, (...) mas não podemos continuar da maneira que estamos, temos que pensar um pouco." (O Estado de São Paulo, 14/5/78)

"Como candidato à (presidência da República), eu engoli sapos do tamanho de um elefante". (Jornal do Brasil, 17/10/78)

# A MULHER

"Não se trata de reivindicar o sexo. Trata-se, de uma vez por todas, de reclamar o reconhecimento de um direito: aqui somos todos pessoas com iguais condições de trabalho e sociais". Estas foram o que se poderia chamar palavras de ordem do 8 de Março de 1906, data bastante significativa para a luta pela libertação da mulher, vez que registra o massacre de 129 operárias que se encerraram na Fábrica Têxtil Cotton, em Nova Iorque, e reivindicaram direito de igualdade aos homens.

O patrão pôs fogo à fábrica e as mulheres morreram queimadas.

O fato foi lembrado este ano, na Espanha, com publicação do "Manifesto das Mulheres Livres", que começa caracterizando resumidamente a situação geral da mulher: "A situação de opressão e discriminação da mulher ocorre tanto a nível econômico como ideológico. Ambos os níveis estão estreitamente relacionados e se reforçam mutuamente".

Sobre 8 de Março de 1906 sabe-se ainda que as 129 mulheres assassinadas não morreram por pretender a exclusividade sexual, muito menos por desprezo ao macho. Foram mortas por exigirem seus direitos como pessoas, trabalhadoras.

## ONDE ESTÁ A REPRESSÃO

E quais seriam os itens básicos em que se poderia situar a opressão de que é vítima a mulher, ainda atualmente?

Bem, de acordo com o manifesto, a nível econômico — no seu duplo aspecto de trabalho doméstico não retribuído e trabalho fora de casa, assalariado — e a nível ideológico e vida cotidiana. Quanto ao primeiro item, o documento classifica da seguinte forma o subitem 1. **Trabalho Doméstico:**

— É algo necessário para a sociedade, enquanto pressupõe a reprodução e a manutenção da força de trabalho; é algo destinado à mulher pelos simples fatos de ela ser mulher; não se lhe retribuído, já que este trabalho não está organizado segundo os princípios do trabalho assalariado, mantendo a mulher atada e condicionada economicamente ao marido:

"O confinamento da mulher dentro dos muros domésticos perpetua a família como unidade de consumo ideal".

## QUANTO AO TRABALHO ASSALARIADO

— A mulher que trabalha fora de casa e faz com inferioridade de condições no que diz respeito ao homem de sua mesma classe ou nível de formação profissional e cultural, o que se manifesta claramente em:

1. As mulheres obtêm geralmente salários mais baixos que os homens, ainda que realizando o mesmo trabalho, ou ocupando postos de trabalho pior remunerados.

2. Geralmente as mulheres têm, acesso a um número mais limitado de ofícios, que coincidem sempre com os economicamente pior retribuídos e os de menor segurança;

3. Menores possibilidades de formação e promoção profissional;

4. As mulheres têm, de um modo geral, que fazer frente a uma dupla jornada de trabalho, ao terem de realizar suas tarefas domésticas depois de trabalharem na fábrica, oficina, escritório etc.

No segundo item é analisado o problema através do ponto de vista "Ideológico e Vida Cotidiana". O manifesto começa esclarecendo que do ponto de vista jurídico, a discriminação é logo caracterizada pelo fato de a lei "considerar sempre a mulher inferior ao homem e eterna "menor de idade" subnormal".

## MARGINALIZAÇÃO POLÍTICA

Depois de analisar a questão da educação ("Esta não é, nem no caso do homem, nem no da mulher, uma ajuda para o desenvolvimento das suas potencialidades humanas"), o manifesto mostra que do ponto de vista político "é conhecida de todos a marginalização da mulher nos centros de decisão política, tanto pela direita como pela esquerda".

E prossegue: "Sem dúvida, uns e outros não têm tido escrúpulos em utilizar a mulher para suas finalidades: o primeiro — poder estabelecido — se tem servido dela com freio conservador (a mulher submissa, funcionando como transmissora da ideologia dominante dentro da família) e o segundo — a chamada oposição — só concede importância à mulher enquanto a vê como componente da massa eleitoral, ainda que suas militantes femininas hajam ocupado sempre lugares de segunda ou terceira filas;

Quanto à cultura: "Entendendo-a no seu sentido mais amplo — cinema, literatura, linguagem etc., é na maioria dos casos a expressão e reforço ao sistema de valores machistas, considerando como "natural e próprio da espécie" o que não são mais do que pautas de condutas culturais".

## A QUEM INTERESSA ESTA SITUAÇÃO?

De acordo com o "Manifesto das Mulheres Livres", a manutenção desta situação de discriminação interessa basicamente a dois grandes grupos:

1. **AOS HOMENS:** — (maridos, padres etc.) — "Para desafogo das suas frustrações, causadas por uma sociedade alienante. Isto é, em última análise, interessa aos que querem manter esta sociedade opressora;

2. **A CLASSE DOMINANTE** — Ao realizar a mulher o trabalho doméstico, o capitalista se livra de parte dos custos de reprodução e manutenção da mão-de-obra: a produção de valores de uso doméstico socialmente necessários mediante a relação de um trabalho não retribuído;

— A consideração de ser a mulher a encarregada da reprodução e do trabalho doméstico, quer dizer, como "ama de casa", fundamentalmente, facilita ao capitalismo a existência de uma força de trabalho barata e disponível quando houver falta, perpetuando as mulheres (em especial as casadas) como um exército de reserva;

— O confinamento da mulher dentro dos muros domésticos perpetua a família como unidade de consumo ideal, uma vez que é ótima retransmissora da escala de valores dominantes.

## Qual o corpo?

"O medo em minha vida surgiu muito depois. Descobri que minha arma é o que a memória guarda dos tempos da Panair".

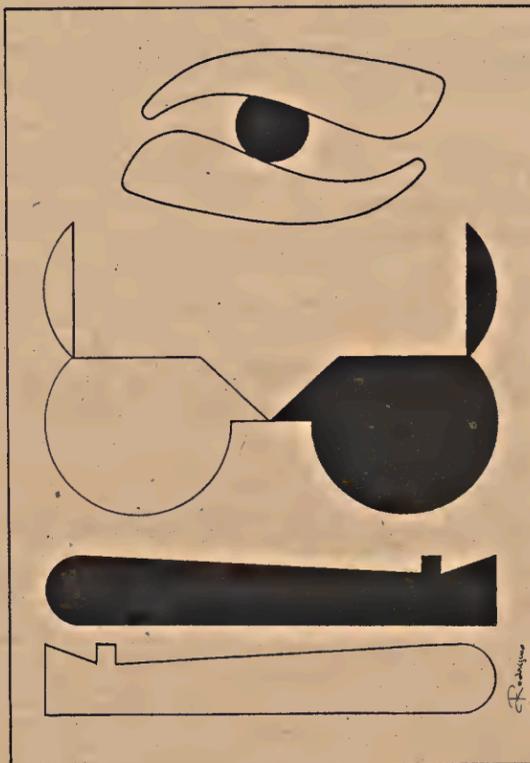
M. Nascimento F. Brant

Esse espaço limite que nos permite existir tem um nome. Corpo. Nosso corpo tem funções. Várias. Para cada situação e atividade teremos um corpo, uma mente, um rosto. Uma parte de nosso corpo foi separada e dado um nome específico. Mente. Foi nos ensinado que a mente não faz parte do corpo e que o corpo não faz parte da mente. Aprendemos. Nosso corpo foi dividido em pedaços e à cada pedaço foi dado um nome e funções determinadas. Pé, cabeça, mãos, olhos, pênis, seios, boca etc.

Por que essa insistência em dar nomes, em classificar, subclassificar isso que convencionamos chamar corpo e partes do corpo? Nomear é controlar. Nomear o corpo é matar o corpo. Subnomear o corpo é decepar-lo, é valorizá-lo de forma desigual e arbitrária. Partes nobres e partes malditas. Das secreções que saem de nosso corpo, por exemplo — a lágrima é sagrada. Mas o cuspe é maldito. Para não falar no espermatozoide ou no sangue menstrual.

### Consciência: O centro do ser?

A mente também foi dividida. Parte consciente. Parte que deve ser esquecida, relegada às sombras.



Isso é sentimento. Isso é razão. Isso é fantasia. Isso é besteira. Intuição? Nem se fala (coisa de mulher...). Sentimentos puros e podres. Quantas divisões.

Se dividimos nosso corpo (e a mente) é porque não conseguimos aceitá-lo como um todo, tal qual ele é, sem classificações, divisões, funções específicas e parciais. Não estamos aceitando/gostando/vivendo

uma parte de nós mesmos, que relegamos às sombras. Mas quanto mais essa sombra é abafada/esquecida mais ela se torna escura e ameaçadora. E se não conseguimos aceitar/gostar de nós mesmos como um todo, como poderemos vir a aceitar/gostar/viver os outros? Que por sua vez também têm suas sombras, escondidas atrás das máscaras sociais. E quanto mais recusarmos, adiarmos ser como somos, incorporarmos nossas sombras — aliás, única maneira de dissipá-las —, mais nos irritaremos com as sombras dos outros. Pois não são exatamente aquelas facetas "ruins" que não assumimos que mais nos irritam nos outros? Só que é impossível esconder/reprimir totalmente nossas sombras. Elas sempre dão um jeito de aparecer/emergir. De nos embarçar. De nos incomodar. Em sonhos, gestos, atos falhos, esquecimentos, ou através da linguagem corporal. Quer estejamos conscientes disso ou não. Talvez seja por isso que criamos um pacto implícito. Eu finjo que não vejo sua sombra; você finje que não vê a minha. Pactos frágeis.

Por que nos acostumamos a pensar que nossa consciência, o centro de nosso ser, se localiza exclusivamente na cabeça, atrás dos olhos? Por que essa hegemonia do sentido visão sobre os outros sentidos? Até quando acreditaremos que toda percepção/conhecimento só pode vir através desses cinco limitados sentidos? E quem disse que só temos cinco sentidos? Por que nosso ser tem que ter um só centro? Por que esse centro não pode ser todo o corpo? Corpos que existem com (e não contra) outros corpos pelo espaço em todas as direções e possibilidades. Haverá mesmo a necessidade de um centro? Chega de tirarmos o corpo fora! E quebremos logo as portas da percepção para que a luz possa entrar/sair!

Cláudio José Miranda

# O HOMEM DO CAMPO

A desigualdade social não tem nacionalidade. Ela é universal. Fruto da exploração universal. E o homem do campo não pode escapar deste câncer que estende seus tentáculos, como um polvo sanguinário, a toda a face da terra.

Bem, particularizando mais a situação, vamos analisar o problema do nosso trabalhador rural, em especial o nordestino, que, além de explorado, ainda é vítima das inclemências das secas. Bem, gostaria de chamar a atenção dos leitores para um ponto: a perda progressiva da ajuda mútua entre os trabalhadores rurais substituída pela exploração coletiva. O motor propulsor deste desequilíbrio é a cidade grande, onde as minorias escravagistas fazem coro e se dão as mãos — com o capital especulativo e sem pátria, que suga até a última gota de sangue do homem produtivo, em especial o trabalhador rural.

Esta desordem recai com peso brutal sobre as costas do homem do campo que, por natureza, é despreendido de astúcia, de hipocrisia e de iniquidade. Estes atributos "nobres" pertencem aos homens das cidades. Todo camponês honesto vê com desconfiança o homem da cidade, pois a cidade é uma escola de velhaçarias das mais astutas que a história já registrou.

Esses males universais vão apanhar em cheio os puros corações. Assim foi com as nossas tribos primitivas, sem se falar em tantos outros povos nômades e livres por toda a face da Terra. O processo começa com uma cidade mais ou menos grande, depois um Estado, uma federação de Estados e ligas e blocos de Estados universais.

O homem nascido nesses guetos perdeu o seu viver natural e, por isso, sua vida biológica se desfibrava em decomposição. Por outro lado, o vírus pestilento traz o egoísmo, a indiferença, a arrogância, a hipocrisia, a mediocridade, a chefia, o guia, o mestre, o rei e o tirano, sem falar nos títulos e outras honrarias.

Aqui neste vale de lágrimas acontece assim desde a época colonial: o grande senhor e proprietário tem fortes ligações com os grandes centros — seja no plano econômico, seja no plano político. Ela vive no leva e traz para a cidade/campo. Leva ao homem do campo as doenças da cidade e reflete nele a imagem da irracionalidade. Como as idéias — sejam verdadeiras ou falsas — não têm fronteiras, elas chegam ao campo, por mais discretos que sejam os meios de comunicação. O senhor teme os reflexos dessas idéias no homem do campo e as escondem o mais que podem. Mas, para sustentar seu império material e político, ele tem de abrir uma brecha no jogo, a fim de prender a atenção daqueles que estão sob o seu domínio.

Essas manobras, entretanto, vão sendo percebidas pelos trabalhadores. Uma delas são os entraves colocados para a escolarização dos homens do campo (pois, assim, eles permanecessem submissos e alheios aos processos culturais de outras classes). Mas o adulto não tem cérebro de criança e ele não engole as coisas assim. Um segundo método utilizado pelos senhores consiste na privação econômica, tornando, portanto, inacessíveis ao homem do campo os bens materiais e o conforto.

Para escapar dessas contradições, o homem do campo vê a saída na cidade grande (uma roleta onde ele pode acertar). Neste caso, ele já traz em mente, do campo, a vontade de participar da vida cultural, lendo e escrevendo, e ter um pouco de liberdade para entrar no jogo e melhorar sua condição econômica. Mas este caminho é doloroso e triste. Ao emigrar, sem recursos e sem preparação para enfrentar o astuto homem da cidade, o homem do campo vai cair nas malhas dos inescrupulosos. Às mulheres estão reservados dois caminhos: um mau casamento ou a prostituição; aos homens, restam-lhes também duas opções: ingressar na polícia ou na marginalidade (o que vem a dar no mesmo, pois tanto o policial como o marginal são as principais vítimas da violência).

A grande cidade requer uma vida profissional eclética. Como, no campo, a atividade não exige tantas

maquinações imaginativas, o homem que vem de lá chega à cidade despreparado para ofícios que lhe proporcionem reais melhorias de vida. Por outro lado, há a seguinte contradição: na cidade, o homem do campo termina por trabalhar em ofícios cuja matéria-prima é a mesma com a qual ele trabalhava no campo, mas desta vez submetida a processos que visam a produção em massa em benefício, mais uma vez, de um senhor, um patrão.

Pois bem. A situação que aqui exponho, esta crise, é um problema concreto. Os pequenos arrais e vilas,

onde os agrupamentos humanos viviam sem o jugo de senhor e do Estado, tinham uma vida bastante livre e saudável. Estas pequenas concentrações existiram em maior número no final do século passado e até meados deste século. Nelas, os homens se mantinham através da troca, sem dinheiro, vivendo do trabalho conjunto, de mutirão. Na alegria ou na dor todas prestavam uma assistência recíproca.

Mas tudo isso mudou. Agora, a escola que vai ao campo é a escola da astúcia. Só se ensinam os truques da cidade, as belezas de cimento, as rosas de plástico em troca dos lírios dos campos. É chegada a hora de os homens de sã consciência acordarem da hipnose a que estão presos e voltarem aos campos, deixando atrás as penas de aves de rapina que vestiram e traçaram um sistema social assentado no respeito mútuo, na ajuda mútua, no mutirão, na solidariedade e na responsabilidade. É preciso emergir desta lama podre em que caímos.

Precisamos acabar com esta mania de concentração exagerada e cirar milhares e milhares de agrupamentos por este imenso país, livres de tutelas, de chefias, isentos de ideologias dogmáticas, para que o homem volte à sua vida natural, respeito a si, a seus semelhantes e aos vegetais e animais.

Essas observações e experiências de que falo eu a obtive no agreste do Ceará e do Rio Grande do Norte. Ali a vida do trabalhador rural é uma servidão. A maneira como são tratados por parte dos seus exploradores chega às raias do absurdo. Os animais de carga são mais bem tratados. O que se impôs da década de 50 para cá fica bem próximo da escravidão negra, que deu à nossa história uma página de fatos nefastos contra a dignidade humana.

Antes da década de 50, nos anos 30, 40, as relações entre trabalhadores e patrões estavam ainda ligadas



por alguma forma de apoio. O vaqueiro, o campeiro, o trabalhador da terra, na maioria das vezes tinham participação nos produtos das fazendas, ou seja, lhe era dado o direito de, no fim do ano, receber uma porcentagem sobre os lucros da fazenda, através de sorteio. Não era negado aos vaqueiros plantar onde desejassem. O produto do leite era muitas vezes meio a meio e eles tinham ainda uma porção para suas necessidades.

Dos 50 anos para cá, foi suprimido o sorteio e instituída uma taxa. Foi proibida a criação de animais por parte do trabalhador. Agora, o trabalhador rural não tem mais acesso à nada e transformou-se num operário, como o das fábricas, nas grandes cidades. As terras, os açudes, as lagoas e os rios foram cercados com arame farpado. Foi proibida a pesca livre, para subsistência. Agora só se pesca para o mercado, pagando taxas.

As terras melhores foram reservadas para as pastagens e as piores para as plantações dos trabalhadores. Para piorar a situação, foi instituída ainda a "meia", ou seja metade das sacas produzidas pertencem automaticamente aos patrões. Aquilo que escapa a este

sistema, tem de ser vendido ao patrão a preços defasados e, por outro lado, revendido ao trabalhador, que é obrigado a comprar sempre no armazém do patrão.

O leite, por mais absurdo que pareça, também é regado, proibido depois de uma certa cota de consumo. É comum se ver o vaqueiro, até mesmo tirador de leite comprando leite em pó para suas crianças, sendo que, a maior parte, as alimenta com mingau de farinha e açúcar. Daí, não podia dar noutra coisa que não fosse a subnutrição generalizada e alta mortalidade infantil.

Outro problema sério são os preços baixíssimos que se paga pelo que produz o trabalhador rural. Enquanto o produto está nas suas mãos, ele é tabelado pelo governo. Após a venda, os preços ficam a critério do explorador, livres.

Os bancos só visam o lucro do dinheiro. Não estão se importando com o ser humano. O dinheiro é coisa sagrada e terna para seus donos, sejam eles o Estado ou grupos privados. Então, a maioria desses pequenos proprietários fica à mercê desta grossa exploração, vendendo-se obrigada a vender seu pedacinho de terra e emigrar para as grandes cidades. Seus filhos já se foram há muito. Agora só restam aqueles cacôs de gente, de espinha dobrada pelo peso do tempo e pelo duro dos trabalhos.

E ainda se quer dizer que coisas como a aposentadoria do Funrural permitem que o homem do campo viva dignamente. É impossível. Acho isto até mesmo ridículo. Esta aposentadoria deveria ser justa, para que o homem do campo não vivesse seus últimos dias — depois de uma vida de duros trabalhos — dependendo desta esmola de Cr\$ 25 por dia, que não dá para comprar nem um quilo de feijão e um quilo de arroz.

O trabalhador tem que se conscientizar e se educar para criar os seus próprios meios de apoio, como sejam as cooperativas, as roças comunitárias, suas escolas de artes e ofícios, aproveitando todo o potencial da comunidade, livrando-se dos profetas, dos guias, dos chefes, porquem se governa por si só não precisa do governo de ninguém.

Aos companheiros do campo que, por iniciativa própria, tomaram nas mãos a luta libertária do trabalhador rural, fundando seus sindicatos, as delegacias sindicais nas vilas, fazendas e lugarejos: tomam como meta um trabalho de base assentado na igualdade, na liberdade na fraternidade e na responsabilidade; procurando ajudar aos companheiros nos mutirões, na roça comunitária, na construção de casas, na broca dos roçados, no remonte das cercas, não usando métodos violentos. Evitar qualquer compromisso com grupos que aparecem como guias, sejam religiosos ou políticos. Fugam da figura dracniana do Estado.

Antônio Fernandes Mendes

# CARTAS

Ao  
O INIMIGO DO REI — BA

Durante o mês de julho deste ano — entre o dia 11 e o dia 22, precisamente — o jornal NOTÍCIAS POPULARES desta capital publicou sete manchetes de primeira página relativas a homossexuais envolvidos em atos criminosos: "Homossexuais sequestram 2 irmãos em SP" (11 de julho), "Homossexual é suspeito de ocultar crime" (13 de julho), "Escapei do inferno dos homossexuais" (18 de julho), etc. Esta "Máfia do sexo, ramificação dos homossexuais" (18 de julho) agiria aparentemente sem que a polícia tomasse providências, conforme denuncia o jornal: (os pais dos seqüestradores) "insatisfeitos com essas providências (...) continuam as investigações por conta própria" e "acreditam que a localização dos menores pode ser muito difícil "se tentada somente pela polícia" (11 de julho). Várias das manchetes não eram sequer relativas a crimes: "Dois casamentos de homossexuais revoltam o povo" (21 de julho); "Mistério: homens que se casaram sumiram", "Matrimônio" envolve até políticos da cidade" (22 de julho).

O fato poderia ser negligenciado, considerando a conduta toda desse jornal: seria mais um caso de sensacionalismo apoiado em um tema que — não por acaso — aumenta sistematicamente as porcentagens de vendas. Os fatos, além de confusamente narrados, são manipulados. Por exemplo, no dia 13 de julho uma janela da primeira página remete a matéria ("p. 16") que simplesmente não existe. É pelo mesmo descompromisso que os acontecimentos são noticiados em meio a uma maré de considerações que identificam o homossexual com a imagem do criminoso, muitas vezes "de alta periculosidade" e, ademais, ridículo. O NOTÍCIA POPULARES parece incumbido de "denunciar" tais ocorrências enquanto o jornal "sério" da mesma empresa, a FOLHA DE S. PAULO, não faz menção dos mesmos fatos. Algumas camadas das classes médias poderiam considerar esse jornal como inofensivo, isto é, "ninguém" levaria a sério seu estilo jornalístico. Mas nós entendemos que a mentalidade veiculada pelo NOTÍCIAS POPULARES é extremamente perigosa e reveladora da falta de ética profissional de quem nele escreve e de quem o financia. Com efeito, se muitos setores o desconhecem ou o tomam como literatura de humor, existe uma camada popular de relevância que o lê, o consome e acredita nele. É assim que nessas classes populares desenvolvem-se atitudes e preconceitos contra o conjunto dos homossexuais. Não dar a devida importância à veiculação incessante dessa ideologia preconceituosa, além de significar um desrespeito à ética profissional, é uma omissão que implica em consentimento.

Nós, que escolhemos uma sexualidade discriminada por certos grupos repressores, somos marginalizados e condenados desde há muito tempo ao silêncio. Por isso constituímos um grupo social facilmente objeto deste tipo de explorações comerciais impunes, como a prática de tal jornal evidenciada. Em nossos dias a livre aceitação da própria sexualidade começa a ser encarada como um dos direitos humanos fundamentais. Também sabemos hoje que a homossexualidade não é uma doença a ser curada. A pergunta "Por que se é homossexual" aparece tão irrelevante como a pergunta "Por que se é heterossexual". É num momento assim que o procedimento do NOTÍCIAS POPULARES pode ser compreendido como uma reação de defesa não casual, ainda que talvez não premeditada. Para os interesses de certos grupos é **perigoso** que camadas até agora reprimidas e/ou marginalizadas — mulheres, negros, homossexuais, índios — tomem consciência dos motivos da sua opressão. Essa espécie de pecado original a que estava condenada só foi criada para que "tudo andasse bem na sociedade". É também **perigoso** que nós, homossexuais, contestemos essa ideologia onde um ser (o macho) domina o outro (a fêmea) com uma finalidade (a reprodução). Nesse sentido, o homossexualismo torna-se duplamente "incômodo". Trata-se, com efeito, de uma sexualidade onde pretendemos que não exista um dominador e um dominado e cuja "finalidade" é estritamente lúdica. Sabemos que não será através de concessões parciais que esta realidade mudará. Ela mudará quando mudar o sistema todo.

Não é casual, portanto, que a ideologia exposta no NOTÍCIAS POPULARES vise manter a imagem do homossexual-criminoso-trafficante-corruptor e, como se tudo isso não bastasse, doente, e doente que não quer "sara".

Nós solicitamos ao O INIMIGO DO REI que torne públicos nossos protestos com relação ao referido jornal, para que esse tipo de desrespeito ético não se repita, nele ou em qualquer outro órgão de imprensa.

Nós continuaremos alertas quanto a futuras ocorrências desse teor que, doravante, não deixaremos passar em branco.

Cópias desta carta estão sendo enviadas a:  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA — SEÇÃO S. PAULO  
SINDICATO DOS JORNALISTAS DO ESTADO DE S. PAULO  
ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL — SEÇÃO S. PAULO  
COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ DA ARQUIDIOCESE DE S. PAULO  
COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA — S. PAULO

SOCIEDADE INTERAMERICANA DE PRENSA

NÚCLEO DE AÇÃO PELOS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS

Com o apoio dos seguintes órgãos:  
NÓS MULHERES — São Paulo  
BRASIL MULHER — São Paulo  
O TRABALHO — São Paulo  
VERSUS — São Paulo  
EM TEMPO — São Paulo  
AVESSO — São Paulo  
LAMPIÃO — Rio de Janeiro  
RÁDICE — Rio de Janeiro  
FLAGRANTE — Rio de Janeiro  
O INIMIGO DO REI — Salvador/Bahia.

Prezados Senhores,

Fiquei sabendo que os senhores estão para lançar o "Inimigo do Rei" ao público. Eu teria muito prazer em ser assinante deste bimensal.

Gostaria de receber maiores informações a respeito do "Inimigo do Rei" e como efetuar o pagamento.

Despeço-me desejando-lhes boa sorte em sua meta.

Grato pela atenção,

M. S. Andrade Filho

Coronel Fabriciano — MG

O.I. do R.: Instruções já remetidas pelo Correio. Obrigado pelo apoio.

Senhores,

1. Li o número 3, ano 2.

2. Onde poderei encontrar os números anteriores? Qual o preço?

Juiz Menandro R. N. Falcão

Tribunal Regional do Trabalho

Salvador — BA

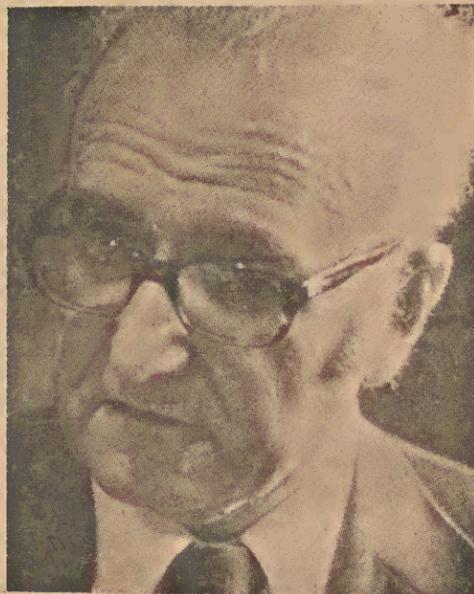
O.I. do R.: Já foi encaminhado o nº 2, único número que ainda tínhamos exemplares.

Srs. Editores:

Li o número 3 do INIMIGO e gostei muito. Concorde com a maioria das idéias de vocês. Estou enviando cheque para pagamento de assinatura e gostaria, se possível, de receber os primeiros números. Aqui em Porto Alegre temos um representante do pensamento comum de inimizade ao rei, que é a cooperativa de jornalistas, responsável pelo Coojornal, que é o que de melhor se publica por aqui.

Airam Jair Teixeira  
Porto Alegre — RS

## Até tu, Garaudy!



Roger Garaudy, (foto), que foi, por mais de trinta anos, porta-voz do Partido Comunista Francês, bagageiro privilegiado da ditadura sobre o proletariado, gramofone rachado do decadente stalinismo, como prêmio à sua dedicação canina ganhou, não a Ordem de Lenin, mas um formidável pontapé onde as costas mudam de nome; em sua rápida viagem pelo Brasil, falou à **Folha de São Paulo** (14.5.78) firmando posições francamente libertárias e pregando precisamente tudo ao contrário do que pregou até a sua recente expulsão do PCF. Olha só o que o "anjinho" disse:

"(...) A autodeterminação dos fins e a autogestão dos meios, no conjunto da vida social, não se pode realizar enquanto existir a propriedade privada dos meios de produção, de transportes, de crédito e de troca. Também não podem ser realizados se essa propriedade for simplesmente estatizada, transferida a um grupo de burocratas e tecnocratas.

"O socialismo de autogestão é tão incompatível com o capitalismo do Ocidente como com o socialismo do Leste. No momento atual só é possível a autogestão de lutas.

"A autogestão de lutas e o desenvolvimento das iniciativas de base, no local de trabalho, com o fim de não se limitar às necessárias lutas defensivas, mas de construir os conselhos que preparam os contra-poderes para a direção e a gestão das empresas e de criar, em todos os setores da vida social, comunidades de base em graus diversos de integração.

"As opções que os Estados e partidos impõem ou propõem não estão à altura das crises nem podem resolvê-las. Eu acredito firmemente que é possível mudar a vida e que podemos destruir desde agora a lógica do sistema que nos reduz à impotência.

"Como atingir isso?  
"O primeiro passo é ir ao encontro do outro — aceitando sua diferença — para criar essas comunidades de trabalho, de consumo e de cultura.

"Devemos lutar contra a concorrência e contra as hierarquias, para que não sejamos dirigidos por ninguém (...)"

Já afirmava Darwim que a evolução é um fato geral na natureza, portanto nada nos surpreende que também os rinocerontes se modifiquem...

## Cacá Diegues falou...

Em entrevista concedida a Pola Vartuch, em Paris, que o JB (3.9.78) reproduziu, o discutido cineasta de "Xica da Silva" soltou veneno pelos pulmões e desabafou:

"(...) Apesar dos pesares, eu acredito ainda nas utopias sociais de uma sociedade sem classes. Mas não encontro, no mundo de hoje, um país onde eu dissesse: ah!, nesse eu gostaria de viver! Aliás, acho que essa é uma grande tragédia de minha geração. Todos os projetos testados fracassaram. Em qualquer continente, de qualquer bandeira, com qualquer ideologia. Nós não temos aqueles modelos que tínhamos em nossa juventude, aquelas esperanças fracassaram. Então só me restam as utopias. Eu continuo fiel a elas. Mas nessas utopias tem que estar a liberdade incluída. E liberdade significa absorver as diferenças. Se a diferença não for admitida, então realmente é monopólio do saber, ditadura de um tipo de conhecimento".

É isso aí, Cacazinho!

## Arrabal causa pânico

Fernando Arrabal é conhecido nos meios teatrais do Brasil por ser o teórico do teatro de pânico e sobretudo por suas magníficas peças "Cemitério de Automóveis", "Torre de Babel", "O Arquiteto e o Imperador da Assíria", "Picnic no Front" etc. Entre as esquerdas discotecárias o é mais por sua famosa **Carta ao General Franco**, que foi difundida aos milhares, quando se pensava que o teatrólogo tinha vocações esquerdo-totalitárias.

Essa falaz ilusão acaba de se desfazer com a recente publicação da **Carta aos Militantes Comunistas Espanhóis** em que o autor denuncia os crimes cometidos pelos bolchevistas da Espanha.

Nossas esquerdas tupiniquins reagiram com um silêncio tumular. Nem um pio. E se resolverem cacarejar dirão que Arrabal é agente da CIA. Entretanto essa denúncia bomba não passou despercebida e Arlete Chabrol entrevistou-o para o JB (24.5.78). Reproduzimos algumas perguntas:

P. "Esta atitude pouco escrupulosa do PCE e de outros Partidos Comunistas, decorre, a seu ver, da própria doutrina marxista-leninista?"

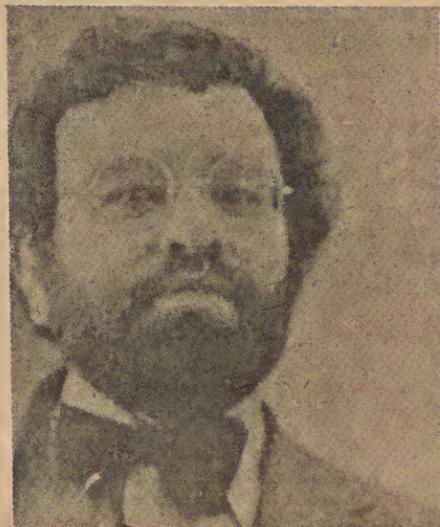
R. "Sim, acredito que sim. Esse maquiavelismo que leva ao crime deriva da crença nessa doutrina. Os dirigentes comunistas crêem nessa doutrina, logo tudo é permitido em seu nome: da mentira à calúnia, até ao crime. Devo, contudo, constatar que essa nova religião funcionou melhor no Sul da França, na Espanha e na Itália, do que no Norte. (...)

P. "Em sua crítica ao marxismo-leninismo você se sente próximo aos chamados "novos filósofos"?"

R. "Como se sabe, os novos filósofos são de diversos tipos. Vão desde Jean-Marie Benoist e Bernard Henri-Lévy. Sem dúvida, todos são apaixonantes. Achos divertidos, humanistas. Buscam um mundo melhor. Diz-se que é uma moda, será mesmo? Não haverá em vez disso uma moda marxista? O que é certo, sem dúvida, é que no momento presente essas idéias humanitárias têm enorme impacto. Todavia, tudo o que dizem os novos filósofos já foi dito. A palavra **Gulag**, por exemplo, foi empregada em 1945 por El Campesino. Havia um livro chamado "Eu Escolhia a Liberdade". Logo, tudo isso era conhecido; e bem conhecido (...)"

Respondendo a outra pergunta, afirmou:  
"(...) O Partido é uma sociedade burguesa e militar na qual o militante de base fica bloqueado, impotente. É por isso que acredito que não se deva lutar dentro do Partido. Como sabe, sou anarquista. Enfim, anarquista é uma palavra forte pois não faço parte de nenhum movimento anarquista. Digamos que eu seja libertário, anarquizante. Penso que não temos necessidade de alguém que nos dirija."

José Liberatti



## Correndo feito cupim

### Parte - I

A universidade, se fosse fechada, não faria diferença alguma. Do jeito que por lá andam as coisas, talvez fosse até melhor que estivesse de portas e janelas trancadas.

A suspensão de alunos, a demissão de professores sem maiores explicações (recentemente houve um caso desse tipo na FFCH da UfBa.) e outras tantas arbitrariedades, convivem, cotidianamente, com a falta de material, de recursos humanos, com o centralismo ditatorial das decisões, passando, às vezes, sorradeira e displicentemente, pelas barbas das nervosas "lideranças estudantis" e do olhar vítreo do restante da "massa" — como alguns, por aí, gostam de chamar, — estudantil.

### Parte-II

#### Estudo pago ou gratuito?

Todos gostam de discutir isso. E, por conseguinte, costumam relacionar estudo gratuito com governo. Bolsa de trabalho, monitoria, Projeto Rondon e outros mais.

Os que estudam em Universidades pagas, nem sonhar podem. (a não ser quem muito tem). Se esfolam no trabalho oito horas por dia para, à noite, assistirem aulas cacetes, chatíssimas, nas faculdades, pagando uma exorbitante soma de dinheiro para poder custear seus estudos. Será também que estes pensam que o governo garante?

Como seria possível, pois, criar uma universidade ou um centro de estudos, onde as pessoas fossem estudar, sem imposições, sem restrições e onde o estudo não fosse privado nem do governo, no entanto fosse gratuito? Haveria possibilidade de se criar uma universidade livre?

Ao que parece, há uma série de relações que podem ter conexão e à primeira vista nós não conseguimos perceber. No caso, por exemplo, da Universidade que é do Estado, logo — raciocina o estudante — gratuita, logo — pode-se dizer — não pertence ao estudante, logo podemos concluir que o estudante tem que aceitar as regras do jogo imposto pelo Estado. Então, nesse caos, o estudante tem de seguir o velho ditado que diz: "A cavalo dado não se olha os dentes". E nisso só leva a pior.

No outro exemplo, o aluno não tem escolha, a universidade é privada, as regras estão aí, é pegar ou largar, você paga mas não é dono (funciona como aluguel de apartamento ou casa). O indivíduo se dobra, necessita de certificado, títulos, currículos, etc. É assim e está acabado.

### Parte-III

#### Dentro da sala de aula

Um bando (expressão raivosa) de periquitos olha, apenas olha, um papagaio ou uma arara tagarelando, tagarelando. Por que isso? Há os problemas em casa (as crianças e o marido), a falta de dinheiro é outro problema crucial, há os problemas com o

namoro (ó namorado insiste em que ela faça sexo com ele, ela quer, mas tem medo das consequências) é uma verdadeira fotonovela.

É claro que as coisas estão assim não só por isso. Existe a organização autoritária e burocrática. Quem manda em sala é o professor, e na Universidade, o Reitor que por sua vez obedece as ordens do Estado. E a sala de aula vira um tédio; ninguém suporta um sujeito falando 3 a 4 horas, por mais coisas interessantes que ele diga.

Até mesmo aqueles professores considerados "progressistas" pela "vanguarda estudantil" mantêm em termos de metodologia pedagógica a forma e a organização das escolas ou liceus (?) medievais: o "mestre" e seus discípulos, todos amanhã serão iguaizinhos e seguirão direitinho aquilo o que seu mestre mandar; está pronto seu lobo?

Já faz muito tempo que esse tipo de ensino diretivo, autoritário, que tende sempre para a manipulação de forma tendenciosa das informações, foi criticado, denunciado, tendo sido claramente demonstrado por pedagogos que esse tipo de método é prejudicial ao desenvolvimento intelectual das pessoas; levando a uma diferenciação do tipo pior e melhor, mais e menos inteligente, mais e menos eficiente etc. e, a partir daí, se definem os pobres e ricos, os que mandam e os que obedecem, contrariando, assim, o preceito universal de que todos são irmãos, de que todos somos iguais e não amigos-da-onça!

### Parte-IV

#### Faz diferença?

As eleições, que não foram as presidenciais, se bem que semelhantes, para o DCE, foram realizadas como alguns de vocês bem sabem. Vejamos este pequeno comentário:

Na UFBA., como era de se esperar, ganhou a chapa "Viração". Penta-campeã baiana. Escolhida por uma "maioria" de dois mil e poucos votantes, seguida de perto da chapa "Nova Ação", forte concorrente neste páreo. Existiram outros concorrentes sem grande expressividade. Dentre estes, a chapa que mais se destacou foi uma tal de "Sangue Novo", linha de frente da ala jovem do MDB, que tenta conseguir aderentes para este famigerado e ridículo partido dito de oposição.

Sem se meter na luta pelo poder sobre os estudantes, a Federação Livre Estudantil não entra nesta conversa de eleição. Embora sendo uma minoria, como as outras tendências no ME, a FLE tenta colocar como proposta a auto-organização dos estudantes a fim de que todos participem e lutem por seus direitos sem o perigo de haver uma manipulação de alguns estudantes sobre os outros. Levando como princípios básicos não só a luta contra o autoritarismo da Universidade e grupos estudantis, como também ao nível de propostas de educação mais libertárias e não-diretivas.

# O SINDICALISMO ANARQUISTA NA ESPANHA

Sebastião Santa Rosa, correspondente d

'O INIMIGO DO REI em Madri, entrevista o secretário da CNT, JUAN GOMEZ CASAS.

Na Federação Local de Madrid da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) é fácil encontrarmos junto com os militantes jovens, anarquistas que participaram da guerra civil espanhola e que agora, de volta do exílio, estão trabalhando ativamente na divulgação das idéias ácratas. Consegui fazer algumas perguntas ao secretário da CNT para *O Inimigo do Rei*. Embora ele se mostresse bastante ocupado e sem entusiasmo para entrevistas.

Juan Gomez Casas nasceu em Bodeus, em 1921, filho de emigrantes que foram obrigados a deixar a Espanha por razões econômicas. Ingressou nas fileiras da Confederación Nacional del Trabajo (CNT), em 1936, quando tinha apenas 15 anos de idade. Durante o negro período da repressão franquista, foi preso por várias vezes e conheceu bem, por dentro, os mais sinistramente reputados presídios espanhóis. Neles passou, ao todo, cerca de 15 anos de sua vida. Ao sair em liberdade, voltou sempre à luta e participou no processo de reconstrução da CNT, incansavelmente. Está afiliado ao Sindicato de Artes Gráficas de Madrid, na qualidade de tradutor e escritor. Foi eleito secretário do comitê nacional da CNT, em setembro de 76, tendo colocado o cargo que desempenha à disposição da organização, em setembro de 1977, aguarda neste momento que Enrique Marcos, secretário do comitê regional de Catalunha, tome posse das funções de novo secretário do comitê nacional da Confederação. Muito conhecido em toda a Espanha, onde as edições dos seus livros se esgotam rapidamente, e também nos círculos anarquistas e anarcosindicalistas europeus, tem publicada uma dúzia de trabalhos importantes. Dos seus livros principais, destacamos os seguintes títulos: "Cuentos carcelarios", "Historia del anarcosindicalismo español", "La Primera Internacional en España", "Sociología y Historia", "Historia de la F.A.I.", "Los anarquistas en el gobierno".

**P — Muita gente fica surpreendida com o tradicional vigor do anarquismo e do anarco-sindicalismo espanhol. A traços largos e com seu aguçado sentido histórico, gostaríamos que nos falassem das origens do anarquismo espanhol até à fundação da CNT.**

**R —** Podemos dizer que a CNT é a herdeira direta da Primeira Internacional, quer dizer, da Federação Regional Espanhola, aderente à Internacional. Nasce

a Federação Regional como consequência de uma viagem de Fanelli, camarada de Bakunin, a Madri e Barcelona, efetuada em fins de 1868. A Federação Regional Espanhola nasce oficialmente no Congresso de Barcelona, em 1870. Desde o seu aparecimento, contou a Federação Espanhola da Internacional com a animosidade de todos os partidos, sem excluir os progressistas. A perseguição à FRE intensifica-se com a destruição da Comuna de Paris, em 1871. Estas perseguições fazem com que três membros do Conselho Federal se desloquem para Lisboa, onde tomam contato com companheiros portugueses, fator que contribui para a criação de um núcleo da Internacional em Portugal e de outro da Aliança da Democracia Socialista. Um ano depois do encontro de Anselmo Lorenzo, Mora e Gonzalez Morago com os seus companheiros lisboetas, a seção portuguesa contará com cerca de vinte mil aderentes. Em 1874, depois do fugaz advento da primeira república e da subsequente restauração monárquica, a FRE passa à clandestinidade, onde estará oito anos, até a implantação de governos liberais. Em 1871, a sua designação muda para Federação de Trabalhadores da Região Espanhola. Apesar disto, a orientação bakunista da organização persistira, independentemente das mudanças de siglas. As repressões sistemáticas contra este movimento insólito produziram a desagregação do mesmo. O ponto culminante da repressão sobreveio com o fato da Mão Negra, maquinação obscura de caráter terrorista em que esteve implicada a Federação, e que dividiu os militantes. O processo de desagregação conduziu à dissolução da Federação de Trabalhadores da Região Espanhola, no Congresso de Valência, em 1888. No seu lugar, funda-se a Organização Anarquista da Região Espanhola, cuja denominação reflete a tendência grupuscular e específica da nova entidade. O decaimento organizativo vê-se acompanhado por um certo florescimento teórico. É o tempo da polémica entre coletivismo e comunismo, que se decanta finalmente a favor deste último, o qual, por sua vez, prolongará a definição comunista libertária da Confederação Nacional do Trabalho (CNT).

Mas o processo desorganizativo continua, acentuado pelas medidas repressivas contra o anarquismo. Em 1889, a Organização Anarquista da Região Espanhola, transmita-se em Pacto da União e de Solidariedade, que arrasta uma existên-

tência obscura até 1896, data em que se extingue, fracionando-se em numerosos grupos que se isolam uns dos outros. É o tempo da propaganda pelo fato. À medida que desaparece a ação organizativa e obreirista, multiplicam-se os atos de violência individual ou grupuscular. Em 1896, são promulgadas pelo governo as leis de repressão ao anarquismo. Deve-se registrar que, durante este lapso de tempo, aparecem o Partido Socialista Operário Espanhol, em 1879, e a União Geral de Trabalhadores, em 1888.

O fim do século XIX e o começo do século XX são períodos confusos na história do anarquismo espanhol e a investigação histórica dos mesmos está ainda por se fazer. Os grupos derivados da Internacional proliferam, apesar de tudo. A influência do sindicalismo revolucionário francês, representado pela C.G.T., contribui para o aparecimento do Grupo de Solidariedade Operária, que em 1910 converte-se em Confederação Nacional do Trabalho (CNT), a qual desde o início evidencia sua ascendência internacionalista e o seu conteúdo anárquico.

**P — Muitos dos seus amigos, como derradeiro argumento operante costumam citar a sua "participação" no governo republicano durante a guerra civil de 1936-39. Dizem, ainda, fazendo coro com a propaganda stalinista e com os burgueses liberais que você estava na base da derrota militar frente ao franquismo. Gostaríamos que, num esforço clarificador, nos falasse da atividade da CNT e da FAI (Federação Anarquista Ibérica), durante a guerra, tanto no campo das realizações econômicas e sociais quanto nas várias frentes de guerra.**

**R —** Efetivamente, a participação no governo republicano foi um erro, reconhecido por todos os militantes, sem discussão, numa perspectiva histórica. Então encontramos-nos numa situação em que os acordos do Congresso de Saragoza de 1936, que previam ser a CNT a única organização capaz de efetuar a passagem revolucionária, não tinham previsto as circunstâncias do dia 19 de julho do mesmo ano. Encontramo-nos numa situação em que a correlação de forças não era, em todo o país, a que se tinha pensado. Pudemos implantar o comunismo libertário na Catalunha, em parte de Aragon e do Levante, porém o resto da Espanha republicana, onde se combatia contra o fascismo, tinha uma correlação de forças

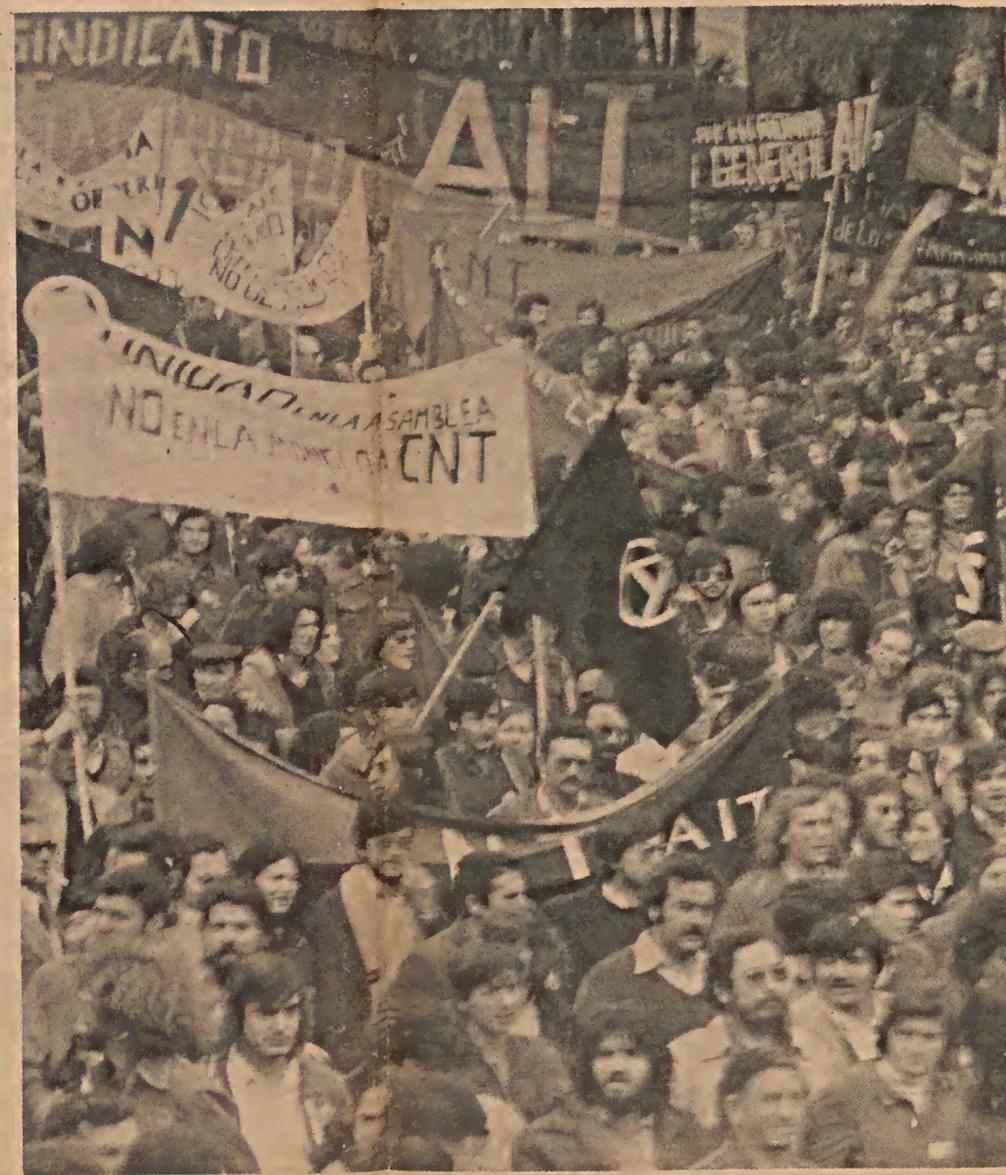
desvantajosa para nós. De qualquer modo, o aludido erro foi um erro e com ele demonstrou-se que estava certo o que vínhamos ensinando à classe trabalhadora desde os tempos da Internacional, a saber, que o Estado conquista sempre todos os seus conquistadores. Portanto, esta lição voltamos a confirmá-la e a reaprendê-la às nossas próprias expensas. Uma grande lição para todos: a de que, sob nenhuma circunstância, o nosso movimento nunca volte a pôr-se de joelhos diante do Estado.

Quando ao tema da denegridora propaganda comunista sobre a nossa responsabilidade na perda da guerra, há que afirmar que não podíamos ganhar aquela guerra no contexto de uma guerra convencional, que se estendeu por trinta meses, e no quadro de uma Europa que assistia apavorada à ascensão incontível das potências do Eixo. Não se podia ganhar com umas democracias ocidentais claudicantes, que declarariam o boicote à revolução espanhola, e com uma União Soviética que jogava todas as cartas, incluída a decisiva do pacto germano-soviético. Tínhamos que ganhar a guerra nos primeiros meses, ou logo no primeiro mês, mas isto não ocorreu porque os governadores civis, quase todos socialistas

ou republicanos, temeram muito mais o povo armado do que a sublevação militar e negaram-se a distribuir armas. Algumas regiões chave, como Aragon e a Andaluzia, quando quiseram reagir, estavam em poder dos militares — e os mesmos governadores pagaram com a vida a sua covardia. Porém, dentro deste contexto internacional desfavorável que nos condenava, o primeiro fator de degradação e de corrosão interna da Espanha republicana foi a luta pelo poder desencadeada pelo Partido Comunista, apoiado pelos conselheiros soviéticos, que fizeram chantagem junto ao governo republicano com as entregas de material de guerra, até ao momento de serem os verdadeiros senhores da situação na zona. Estabeleceu-se a famosa luta triangular descrita por Payne: os fascistas, a revolução e a contra-revolução, estas duas últimas dentro da Espanha republicana. Em luta, todos contra todos. Dentro desta luta, os comunistas começaram por destruir o P.O.U.M., (organização formada em sua maioria por trotskistas), logo a seguir neutralizaram a CNT e o movimento libertário, ainda que não pudessem destruí-lo, porque isso equivalia a destruir a Espanha republicana. Depois, houve os acontecimentos de maio de 37 em que a contra-revolução stalinista assestou os seus primeiros golpes

contra a socialização efetuada pelos anarcosindicalistas e deixou pelo caminho Largo Caballero, chefe do governo e dos socialistas de esquerda. Posteriormente, a vítima foi Indalecio Prieto, socialista de direita, e o setor que o secundava. Até 1938, os comunistas e Negrin, socialista soviético que substituiu Caballero, neutralizaram o governo catalão e imobilizaram os republicanos, com o Presidente da República à frente, o próprio Manuel Azaña. Quando se perde a Catalunha, na zona Centro-Sul fica um exército desmoralizado, mas a reação final contra os comunistas e a criação da Junta de Defesa estabeleceram um luminoso balanço final: de um lado os comunistas, isolados, e do outro todos os demais, todos os que tinham sofrido a sua chantagem histórica: republicanos, socialistas de todas as tendências, poumistas, anarquistas e anarcosindicalistas.

Está clara a coisa? Nos últimos meses, enquanto falavam incessantemente de unidade, os comunistas entregavam-se a um proselitismo desenfreado no exército, com uma política de promoções para os que aceitavam o cartão do partido, e de perseguições, que foram até a eliminação física, para os que não o aceitaram. Esta política desmoralizou os combatentes e o



povo sofredor da zona republicana e precipitou um desenlace que, como temos dito, não nos podia ser favorável, dadas as

circunstâncias internacionais. Nós, anarcosindicalistas, fomos avessos a aceitar a militarização das milícias porque esta implicava na contra-revolução, mas, uma vez aceita, os nossos companheiros, conquanto contra as suas convicções, constituíram unidades combatentes que ombrearam com as melhores do exército republicano. À guisa de anedota diga-se que, na retirada da Catalunha, a famosa 25ª Divisão, a antiga coluna Durruti passou a fronteira em perfeita ordem, sem ter perdido uma só espingarda, enquanto que as unidades comunistas debandavam em todos os sentidos.

Quando às realizações revolucionárias, estas são precisamente a nossa glória e o que nos exime dos graves erros acima resumidos. Duas mil coletividades agrícolas, a instauração do comunismo libertário em Aragon e em zonas do Levante e de Castela, a socialização da indústria pelos sindicatos da CNT na Catalunha e em outras zonas, incluída a criação naquela da indústria de guerra da Espanha republicana, o que demonstrou a capacidade construtiva e a preparação dos sindicatos confederados. Em suma: o nosso balanço positivo diante da história é a Revolução espanhola. Por isso, os únicos que hoje falam em Espanha da guerra civil, somos nós. Os restantes preferem esquecê-la, e em primeiro lugar os comunistas, então todos eles agentes de Stalin e hoje eurocomunistas. Preferem falar do presente porque não se atrevem a fazê-lo do passado.

**P — A imprensa brasileira, apesar da censura e da autocensura, fala de vez em quando no ressurgir do anarquismo e do anarco-sindicalismo na Espanha. De vez em quando, diz timidamente que a CNT fez um comício em Valência com dezenas de milhares de participantes, outro em Madrid também com muitas dezenas de milhares de assistentes, outro, enfim, em Barcelona, em que haveria pelo menos 300.000 pessoas. Na sua opinião, trata-se de ressurgimento ou de continuidade?**

**R —** O que vocês apontam sobre o ressurgimento da CNT está certo e também a conspiração do silêncio que se faz contra ela. O poder de convocatória da organização e do movimento libertário resiste à comparação com qualquer outro grupo, se acaso o não supera. Eu diria que se trata de ressurgimento e, ao mesmo tempo, de continuidade porque, no essencial, posto que com rasgos novos desta época e próprios da multidão de jovens que compõem os nossos sindicatos, a CNT de hoje é igual à de ontem, pois o conteúdo de ambas é o mesmo.

**P — Para elucidar os nossos leitores, gostaríamos que nos descrevesse o grau de implantação da CNT na Espanha de hoje. Qual o número de aderentes? Qual o número dos militantes efetivos? Em que lutas recentes esteve a CNT envolvida?**

**R —** A Catalunha é a região de maior implantação, com 150 mil aderentes neste momento. País Valenciano, com 50 mil e Andaluzia e o Centro com cerca de 30.000. A nossa filiação atual em toda a Espanha orça pelos 300 mil, mas este número pode dobrar ao longo deste ano se as nossas

previsões se cumprirem. Por outro lado, a nossa força e influência real excede à filiação que lhe damos. Basta notar que em todas as nossas manifestações o número de pessoas que aderem e participam das mesmas chega, às vezes, a superar o número dos organizadores. Eu creio que o número de anarquistas que existe hoje na Espanha, de uma forma geral, já ultrapassa a casa de um milhão. Quanto aos militantes, é evidente que nunca correspondem ao número de filiados, todavia o número daqueles é elevado e composto, em sua maioria, por jovens. A idade do militante da CNT, neste momento, oscila entre os 25 e 30 anos.

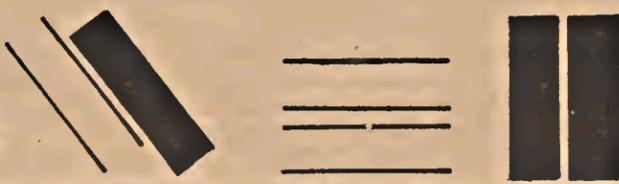
A CNT esteve e está presente em todas as lutas operárias atuais e em todas as regiões. As mais destacadas são as de Roca, na Catalunha; as greves das "gasolineras", de transportes de mercadorias, de espetáculos e das artes gráficas, todas elas em Barcelona, onde a CNT desempenhou o papel mais importante. No resto da Espanha, os sindicatos confederados estão presentes em todas as lutas e mantêm posições radicais que opõem ao Pacto da Moncloa e às traições dos sindicatos reformistas.

**P — Finalizando, que perspectivas se abrem para o futuro? Quais são as dificuldades do movimento anarquista?**

**R —** Perspectivas esperançosas, mas muito duras. A nossa luta contra todos os grupos reformistas, tanto políticos como sindicais, vai ser tremenda. Somos a única organização que escorraça o interclassismo e a integração no sistema, pelo que este já aponta as suas baterias contra nós. A imprensa e os meios oficiais denigram-nos e fazem tanto quanto podem à nossa volta a conspiração do silêncio. A ilusão democrática favoreceu aos partidos e às organizações sindicais que são a sua corria de transmissão, mas é muito difícil dar satisfação, ao mesmo tempo, aos empresários e aos trabalhadores, não se pode ajudar, ao mesmo tempo, os capitalistas a resolverem a sua crise e a preservar os trabalhadores das consequências dessa mesma crise. Este é o problema das centrais reformistas. Somos os únicos a defender claramente a alternativa revolucionária, começando pelo escorraçamento da pactuação com o Estado e com os empresários, o que quer dizer com o sistema; negamo-nos a oferecer soluções "conjunturais" à crise capitalista, como fazem desde os socialistas e comunistas até os maofistas. Continuamos a pensar que esta crise é a dos capitalistas. Portanto, continuamos a defender a necessidade ineludível de uma alternativa de sociedade, a comunista libertária.

Perspectivas duras de luta pois, mas favoráveis. As condições objetivas jogam a nosso favor, se soubermos utilizá-las com inteligência. Há no país muito mais anarquismo organizado, difuso e infuso que nunca. As nossas mobilizações demonstram, como a de Madrid do 1º de maio deste ano, como no ano passado, também, que o espectro real do movimento libertário excede em muito o que é exclusivamente a CNT. E este movimento libertário influi, por sua vez, criando outro espectro já mais diluído no povo. Porém, não deixamos de ter problemas, e por tal razão fugimos ao triunfalismo. Há problemas de clarificação sobre temas novos deste tempo, e também algumas tensões originadas por esses mesmos problemas. Mas isso não nos impedirá de caminhar para o objetivo ou os objetivos históricos do nosso movimento.

# BIBLIOTECA



## Burocracia e ideologia

"Nosso pior inimigo interno é o burocrata, o comunista que ocupa um posto de responsabilidade em nossas instituições soviéticas." (Lenin)

"O burocrata vê no mundo dos homens apenas um OBJETO de sua atividade." (Marx)

Num país como o Brasil, onde o ministério que cuida dos assuntos culturais é o da Justiça e onde os especialistas em trabalhos intelectuais estão na Polícia, enfim, num país onde a política do arbítrio é fato corrente, nem mesmo a esquerda escapa de ser contaminada pelos vírus do totalitarismo. Isto acontece quando um livro ou qualquer outra obra séria é boicotada: sistematicamente nos jornais e revistas ditos "democráticos".

Por um lado está o Sistema, a direita entronizada. Ele assume ares de quem não quer nem ouvir falar de trabalhos intelectuais. Devido ao Sistema ser obscurantista, detesta o pensar e procura reprimi-lo policialmente.

Por outro lado está a esquerda tradicional. Esta, quando o intelectual não tem mentalidade de partidão, querendo tão somente estabelecer algumas premissas de raciocínio, independentemente de ideologia, ela então lhe dá o gelo. Os resenhistas dos jornais e revistas não leram e nem recomendam a leitura. Numa atitude policial idêntica à da direita.

Aí se enquadra este magnífico trabalho de Maurício Tragtenberg. Analisando sistematicamente o surgimento da burocracia nos setores privado e público, seu funcionamento, o livro esmiuça todo pensamento de Max Weber (entre outros), tido como o mais profundo estudioso do "ethos" burocrático. Quanto mais o poder

do Estado se burocratiza, mais a liberdade se distancia. Daí que a obra nos leva a concluir que enquanto a burocracia de Estado estiver tentando limpar a burocracia privada, o indivíduo ainda pode procurar seus direitos, seu espaço de liberdade, no confronto das duas. Agora, quando as duas administrações se juntam num Estado totalitário (nos moldes de Hitler e Stalin, e para o qual o Brasil caminha há alguns anos), então o cidadão passa a ser peça da engrenagem.

Outro aspecto a salientar na obra é a vastíssima bibliografia levantada por Tragtenberg, talvez a maior até hoje sobre o assunto. Uma obra que não pode faltar em nenhuma biblioteca. Para ser lida e relida.

**BUROCRACIA E IDEOLOGIA**, de Maurício Tragtenberg, Editora Ática, São Paulo 1974; 228 pp; Cr\$ 80,00.

Esta aqui não fazem água com açúcar, não: falam de gente, a gente, elas e a gente que leva porrada, é reprimida, se revolta, se apaixona; gente agressiva, forte, incômoda. Elas vazam noites, estas mulheres libertárias e libertinas, no Rio e em São Paulo, de olhos abertos, sentando em sombras e tomando muita água fresca, matando muito cachorro a grito e jacaré a beliscão. Elas são MULHERES DA VIDA porque descobriram que são mulheres, que ser mulher é uma anarquia, uma subversão. E uma arte. Contra as prisões domésticas e outras. Algumas correm mundo; outras, quase não saíram de sua cidade; porém, todas VIVEM e são malcriadas.

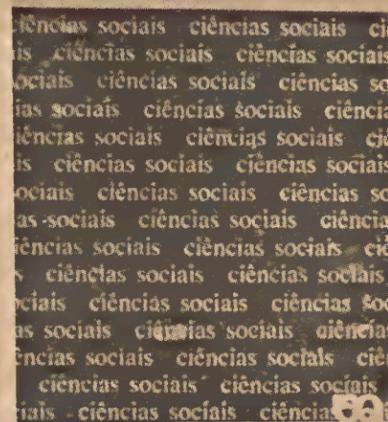
Já as tentaram comprar, os poderosos chefes editoriais, e os do cinema, teatro, show, televisão, concursos, museus. Não se venderam. Ou pararam de se vender.

Olhai o que escreveu, em 14.8.78, o big-boss da Civilização Brasileira (no caso, a editora...), devolvendo este livro prá Leila, que me autorizou a fazer a transcrição: "(...) Setimos muito, mas não nos motivamos editorialmente após o exame da antologia cujos originais nos submeteu à apreciação. Mulheres da Vida, infelizmente, é

INSATOS 9

Burocracia e Ideologia

Maurício Tragtenberg



irrecuperáveis. Com exceção de dois ou três poemas, a seleção nos pareceu abaixo da crítica, reunindo sem qualquer critério trabalhos que oscilam entre o desabafo existencial e os gratuitos jogos de palavras e de imagens, insuficientes tanto como documento humano ou como poesia... Devolvendo-lhe os originais, atenciosamente, Ênio Silveira, Diretor-Presidente". Tá, o sublinhado é dele, não há que enganar, isso se chama de repressão!!!

Quem pensa que só a direita é repressiva, é só ler esse belo filé de prosa... e perder ilusões, se é que, ingênuo, ainda as tem. Gente, a censura não é melhor em Santiago que em Moscou; em Pequim; que em Washington; em Maputo que em Teerã: é, sempre, só, CENSURA. Nossa inimiga, porque é arma dos (s) Reis (s).

Tudo bem, a turma entende: felizmente, MULHERES DA VIDA não é realismo socialista, nem sequer neo-realismo; logo, leva porrada do esquerdão, leva porrada da direita, leva porrada do centro. Por quê? Porque MULHERES DA VIDA é um manifesto anarquista, tá?

**MULHERES DA VIDA**, várias autoras, Editora Vertente, São Paulo 1978; 84 pp; Cr\$ 60,00.

Elas incomodam muitíssimo mais quando são livres

## Felizmente irrecuperável

Se uma mulher incomoda muita gente, dez mulheres incomodam muito mais: especialmente, se são escritoras e, ao mesmo tempo, inteligentes. Olhai, as ditas profissionais da dita literatura que apodrece pelas academias e que enche os bolsos delas e dos poderosos chefes ditoriais, são burras mesmo, tá?!

Mas, elas incomodam muitíssimo mais quando são livres, dão para quem querem, são libertárias, libertinas, escrevem bem mesmo. Poesia a sério. Não poesia séria, chata, militante, panfletária, engajada, partidona e o escambau. Não. Poesia SÉRIA. Como esta que Leila Miccolis (uma puta escritora, pô!) juntou nas MULHERES DA VIDA, uma antologia anti-social que agrupa com Ana de Castro, Eunice Arruda, Glória Perez, Isabel Câmara, Many Tabacnik, Amélia Mello, Norma Bengell, Reça Poletti e Socorro Trindad.

A formação marxista do autor lhe confere alguns assinaláveis cacetes econômico-interpretativos, fundamentados num materialismo mecanicista do tipo causa/efeito. Isto é verificável quando intenta correlacionar ideologia anarquista e pequena indústria de propriedade familiar; e conseqüente decadência ideológica quando os grandes conglomerados industriais surgem absorvendo a pequena empresa. É claro que para matizar esta visão cita Sheldon Maram, para o qual a crise do anarquismo tem múltiplas variantes, sendo o modelo em funcionamento na União Soviética o principal e não o eclodir da grande indústria. Não obstante, o autor fica com a explicação mágico-materialista.

No epílogo salpica críticas construtivas, todas contestáveis. Pincemos a que afirma que os libertários não foram capazes de estabelecer uma estratégia também fundada no problema agrário. Poderiam tê-lo feito com a maior tranqüilidade, mas depois só restaria — como preconizou o poeta —, dançar um tango argentino, pois seria o mesmo que

efetuá-la para os camponeses da Lua, tal vazio e isolamento do campo brasileiro, que o autor simplesmente desconhece.

Mais outra pérola, a de que os anarco-sindicalistas não formularam o problema do partido como núcleos agregador de interesses. Diremos que se o fizessem deixariam de ser anarquistas e ressaltamos a genética da ignorância dos postulados ácratas desde Marx, Trotsky, passando por Stalin e acabando nos marxistas tupiniquins. Isto nos parece um tanto sério para quem se propõe defender perante uma banca julgadora, tese que se fundamenta nesses mesmos postulados.

Afora meia-dúzia de outras basbaquices escolmável em segunda edição, reafirmamos o interesse do livro, sua oportunidade e indispensável fonte de consultas para os estudiosos do problema operário.

José Liberatti

**TRABALHO URBANO E CONFLITO SOCIAL**, de Boris Fausto, Difel/Difusão Editorial S.A.; São Paulo 1976; 283 pp; Cr\$ 120,00.

## Ideologia da história

Trabalho ricamente elaborado com suporte de preciosa bibliografia. Dá visão ampla das lutas proletárias, ideologia dos movimentos e tenta configurar um painel do universo sócio-cultural do anarco-sindicalismo no Brasil, entre 1890 e 1920.

Frustrante que o autor tenha delimitado o campo de pesquisa a uma determinada época. Os anos posteriores até 1936 são de importância capital para uma visão correta do evoluir sindical. É a partir dessa maior abrangência, que se torna possível explicar a trajetória do movimento operário e o desaguar nas estruturas corporativas, fascistas do Estado Novo e vigentes até a época atual.



## Novos rumos

Recentemente lançado pela Edições Mundo Livre, "NOVOS RUMOS", do historiador Edgar Rodrigues, é um trabalho de pesquisa social sobre o movimento operário brasileiro de 1922 a 1946.

Trabalho sério de pesquisa e de grande valor histórico, "NOVOS RUMOS" é o quarto volume de Edgar Rodrigues sobre o desenvolvimento do sindicalismo no Brasil. Seus trabalhos anteriores são fontes de pesquisa e de elucidamento de um momento em que as condições sociais, econômicas e políticas se apresentavam conturbadas e quando o proletariado brasileiro teve, de uma forma ou de outra, uma participação ativa.

Em "Socialismo e Sindicalismo no Brasil", primeiro livro do autor, numa pesquisa histórica que vai desde 1675 a

1913, ele nos mostra um período marcado por motins, revoltas, associativismo mutualista, as influências de Fourier, Owen, Proudhon, as irmandades religiosas e confrarias de classe na luta contra a escravatura, o movimento dos negros nos quilombos contra o trabalho escravo. Assistimos também neste livro, já no final do século XIX, a tentativa de implantação, por imigrantes italianos, de colônias libertárias (Cecília e Guararema). Finalizando em 1913 com o surgimento do proletariado e a vigência e hegemonia do pensamento anarquista sobre todas as outras correntes sociais.

Na segunda obra, intitulada "Nacionalismo e Cultura Social", o autor continua o seu levantamento histórico sobre o movimento sindical e eminentemente libertário de 1913 a 1922.

"Trabalho e Conflito" é o penúltimo trabalho publicado sobre a história do

movimento operário no Brasil. Trata-se de uma pesquisa histórica (1906-1937) baseada em fatos e grande documentação. Mostra-nos este livro a luta dos trabalhadores pela emancipação social, a greve contra o trabalho além das oito horas, o trabalho de menores, etc. Como nos apresenta o historiador Hélio Silva, no prefácio, desta obra "Trabalho e Conflito" não precisa de nenhuma simpatia inicial para ser lido e admirado. Já não creio — continua ele — que seja possível reunir de forma expressiva, quaisquer manifestações coletivas de protesto anteriores". Edgar Rodrigues "alcança as primeiras expressões de resistência do homem submetido ao trabalho escravo, opressivo, tirânico".

**NOVOS RUMOS**, de Edgar Rodrigues, Edições Mundo Livre Ltda., Rio 1978. 478 pp.

No epílogo salpica críticas construtivas, todas contestáveis.

# ZEZÉ MOTA



"Zezé Mota, uma rainha, uma estátua, uma mulher, uma mistura de raça e cor. Uma vida dura, mas cheia de sabor". Consciente de sua posição e fazendo do seu trabalho instrumento de sua luta, Zezé deu esta entrevista ao **INÍMIGO DO REI**, onde ela denuncia a discriminação do negro no Brasil:

I.R. — Existe discriminação racial no Brasil?

Z.M. — Existe. A partir do momento em que você é respeitado pelo nome. São muito marcantes no meu passado as inúmeras vezes que fui barrada em prédios do Rio por ser negra; hoje, as portas se abrem porque sou Zezé Mota.

I.R. — Qual a sua posição diante destes fatos?

Z.M. — Conduzir o problema, valendo-me do meu nome, chamando a atenção sobre a discriminação.

I.R. — O seu trabalho é voltado para isso?

Z.M. — Exatamente. A proposição do meu trabalho é para a cultura negra; todo o meu trabalho leva sempre alguma coisa de afro.

I.R. — Você deixou o trabalho como atriz exatamente quando tinha alcançado projeção nacional...

Z.M. — Xica da Silva só aconteceu dois anos depois de feito. Naquela época, eu fazia

um papel de empregadinha sirigaita e estava numa pior. Resolvi sair pra música por uma questão de sobrevivência.

I.R. — E a televisão?

Z.M. — Só para promoção. Até ao teatro eu só voltaria num trabalho produzido por mim.

I.R. — Qual a realidade do negro brasileiro?

Z.M. — Cada vez maior, pois vêm sendo dadas oportunidades, apesar de a Abolição não ter tido o mínimo resultado prático.

I.R. — Está existindo o extermínio cultural do negro?

Z.M. — Não, pois têm surgido novas manifestações como o Black Rio que, apesar de combatido por ser importado, surgiu da necessidade do jovem negro em criar manifestações suas, do seu tempo.

I.R. — E o negro americano?

Z.M. — Muito consciente da sua situação. No momento em que ele assume uma posição maior na escala social, não esquece o seu passado; diferente do negro brasileiro. Veja o exemplo de Pelé, que registrou seus filhos como brancos.

I.R. — E o futuro?

Z.M. — Só o tempo dirá. Não pode ser esquecido o passado do Brasil, ligado às origens do negro brasileiro.

Washington José

## Eu quero...

O princípio de autoridade deve ser negado dia e noite. A cada hora, a cada minuto, a cada segundo. Não quero mais, de maneira alguma, ser marionete de uma minoria que se julga donos da verdade. No direito de pensar por mim. Eu quero ser livre para pensar, agir e sentir. Eu quero ser eu mesmo, na mais pura individualidade, ridade e particularizada e singularidade. Longe de minha revolta interior. Eu quero, algum dia, possuir a capacidade de autogovernar-me. Livre de todas as formas artificiais. É por isto, entre outras coisas, que eu odeio profundamente o Estado, o Governo e o Poder.

EDMUNDO SENTO SÉ  
Edmundo Sento Sé

## América Latina

Não choro por mim, América Latina. Choro por suas crianças famintas, suas mulheres viúvas, seus heróis traídos — os homens — do campo, das fábricas, das ruas — pela dor das famílias destruídas, pelos milhares de desaparecidos.

América Latina dos meus algozes. De tiranos mais preocupados em torturar, martirizar. Da sua ilimitação geográfica, formando um continente ímpar na dor, na miséria.

Não choro por mim. Choro por seus braços outrora de um camponês, um operário, um intelectual, hoje ele jaz, amputado pela repressão. Choro por suas pernas a correr pelos seus campos, hoje elas estão encarceradas nas suas prisões. Choro por ter perdido a voz, não poder gritar a minha dor.

Choro por ti. Por você dar e ser negado a ti o direito a quem, você gostaria de ver trabalhando a sua terra, dar o pão, suas riquezas. Dar a vida.

Choro, por suas "Locas da Plaza de Mayo"? Pois você é uma delas a chorar por seu filho, seu irmão, seu marido, seu amigo que foi e não voltou.

América Latina chegará o dia que cantaremos a sua vitória. Reverenciaremos a memória dos que não voltarão, choraremos de alegria.

E cantaremos por ti, América Latina.  
Washington José

# O DIA EM QUE O PRESIDENTE FOI NOMEADO

No dia em que o presidente foi nomeado D. Violeta e Seu Ermenegildo foram encontrados mortos em sua casa num conjunto residencial recém-inaugurado.

Estavam sorrindo. Estendidos numa antiga cama de casal parcialmente comida pelos cupins. Quem os descobriu foi a empregada. Meninota agitada, que estranhou a patroa não estar na mesa do café às 6:30, como ocorria sempre, e seu Ermenegildo no banheiro fazendo a barba para ir para a reparição.

A menina deu vários gritos. Arregalou os olhos e berrou tanto que a vizinha de cima D. Alice, mulher gordíssima, desceu as escadas arfando e esbugalhando os olhos, já muito grandes e inchados pela gordura, soltou um Valha-me Deus e telefonou para a polícia. O casal sorria. Um sorriso, talvez o único, de verdadeira satisfação.

Ela tinha vestido sua blusinha azul de domingo, de uma fazenda leve, e uma saia marrom surrada que usava na reparição. Ele estava impecável. Um terno cinza que usava nos casamentos e formaturas da família ou nas comemorações da prefeitura, onde era um funcionário exemplar há mais de 20 anos.

Tinham morrido de cansaço.

Ele era funcionário padrão da prefeitura. Quem o quisesse ver poderia passar pelo prédio antigo e lá estava aquele velho magro, de pele marrom curtida, escondido atrás do guichê a examinar papéis. Dois turnos, salário miserável, vida apertada, muita política na reparição. Meninos de ontem, sem experiência, sendo protegidos e passados para frente e ele, exemplar, nunca faltando um dia, funcionário dos tempos antigos, como gostava de dizer, e sempre ali, marcando passo. Quando faltou uma vez por causa de uma forte dor de barriga, a sua chefe, mulher mandona, amante do prefeito, foi a primeira a dizer ao velho: "Não me diga, Seu Ermenegildo, que até o senhor está aderindo à pouca vergonha".

Ela, funcionária dos correios, exemplar também, (seria melhor dizer temerosa de per-

der o emprego que lhe dava muito pouco mas, acostumada ao pouco, fazia questão). Ordenadinho de moleque, era o seu. No início pagava o aluguel do subúrbio, depois o aluguel do subúrbio, depois o aluguel foi subindo tanto que passou a pagar o condomínio, água e luz.

Seus cabelos embranqueceram. Era uma velhinha miúda. De óculos claros, sempre com aquela saia marrom e um pouco de talco no pescoço e entre os seios. Dava a impressão de frescor. Sempre sorridente. Um sorriso de acomodação. De cansaço...

Tinham se casado já velhos. Mais por companhia do que qualquer outra coisa. Gostara daquele velho de voz pastosa, honesto, trabalhador, funcionário padrão da prefeitura e ele também sentiu nela, funcionária dos correios e telégrafos, agência do Comércio, uma criatura que poderia lhe fazer carregar a vida mais levemente.

Tiveram dois filhos. Um morreu de meningite num surto que dera no subúrbio. O outro tinha dado para jogador de futebol e estava no Rio amasiado com uma cantora de cabaré. Nunca mais escrevera. Só vinha no carnaval, ocupava a casa com os colegas do time, se embriagavam, e sumia com um beijo seco no rosto da mãe e uma palmadinha nas costas do "velho".

Com muito sacrifício economizaram qualquer coisa. Não chegaram a passar fome. Mas não comiam mais o filé mingnon, e a cervejinha do dia de domingo ficou mais esparsa; ele deixara de comprar jornal todos os dias e a televisão ficou sem conserto um tempão.

Dera uma entrada para um apartamento de conjunto residencial também no subúrbio. Meia hora da cidade. Mas se livrariam do aluguel e teriam uma casa própria, sonho de todos e realidade de poucos.

A papelada foi um inferno. Ermenegildo suave para cobrir todas as exigências, mas pôr fim receberam a porcaria do apartamento

com quartos minúsculos, vazamento incorrigível, material de quinta categoria. Mas era próprio...

Para o conjunto veio todo tipo de gente. Abriam uma boate num prédio vizinho. Noutro era casa de tolerância. Um bar instalou-se na entrada do conjunto e de sábado à noite para domingo o batuque e as garrafadas comiam no centro e até tiro saiu uma vez.

Deram sorte. A vizinha de cima era boa. Viúva velha, com duas filhas programistas, mas recatadas que faziam na rua e passavam por moças no bairro.

Acostumados a decepções, nem se incomodaram muito. Os móveis baratos, garantidos pelos vendedores e bichados um ano depois, mal davam na sala quente que na planta parecia razoável.

O trabalho os consumia vivos, os sugava, tirando-lhes toda a alegria e mesmo a percepção das coisas.

A política da reparição. As ameaças dos chefes, dos colegas. "Trabalhe direito D. Violeta. A senhora é uma funcionária antiga, eu sei, mas nada nos impede de tomar uma atitude com a senhora". E os boatos. Os boatos infernais. Não afastar os funcionários antigos com metade do ordenado. Mas será possível? Tudo é sempre possível neste lado da terra, dizem os mais experientes. Um mês o governo cortou um benefício antigo que ela tinha. Ficou preocupada, aborrecida, cansada. O marido a consolava dizendo que já tinham casa própria e qualquer coisa daria para comer. Mas não era isso. Era o trabalho intenso, exaustivo. A obrigação de ficar horas e horas a empacotar coisas, a selar, a fazer contas e, no fim do mês, tudo descontado, um salário de moleque.

O cansaço foi chegando. Ela jogou as plantas fora. Não deu a ninguém. Quebrou os vasos e jogou as plantas fora com o olhar duro, sem se importar. Ele nem perguntou. Estavam de acordo sem ser preciso falar. Levantar seis horas, esperar um ônibus velho, rangendo, cheio de gente, motorista irresponsável dirigindo à toda velocidade. Descer às pressas e enfrentar o mesmo trabalho todos os dias. Uma vez, numa ladeira, o ônibus muito cheio deu pra trás. Ele, suou frio e ficou sem dormir de nervoso até às 4 da manhã.

Quando chegava o domingo estavam tão cansados que dormiam até tarde. Deixaram de sorrir, de ver televisão.

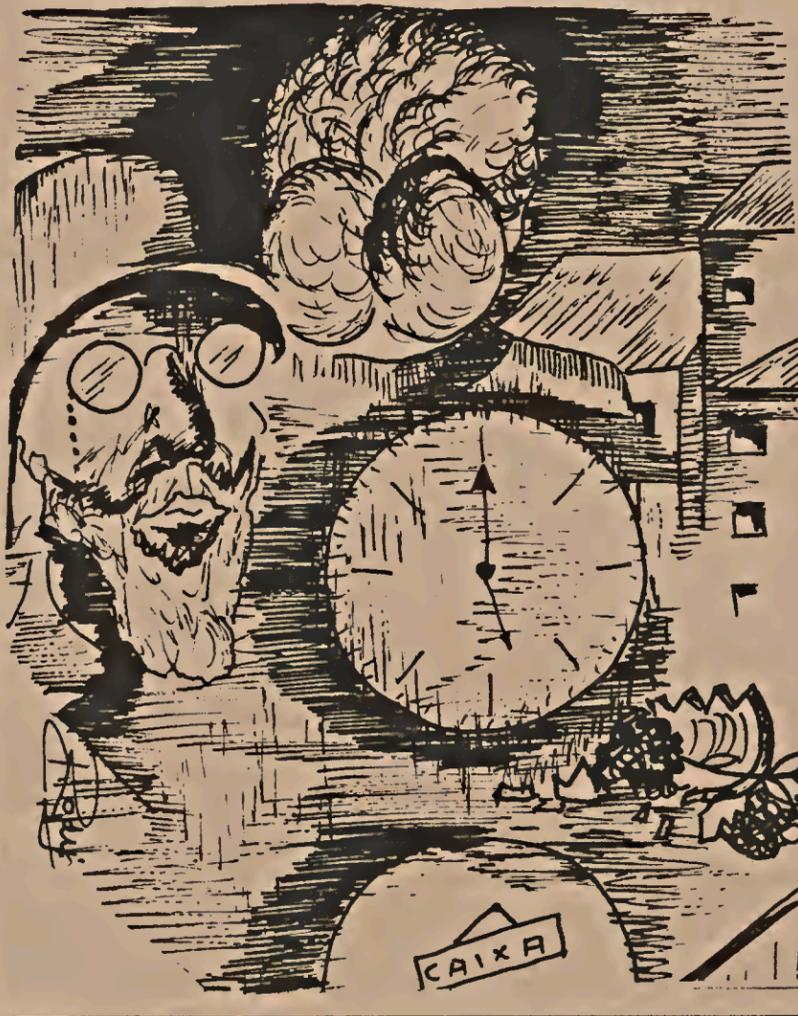
Estavam exaustos. Foi ele quem comprou os comprimidos. Um médico amigo: passara a receita sem desconfiar de nada. Afinal, seu Ermenegildo era um homem de muita confiança.

No dia em que o presidente foi nomeado, sem dizer palavras que explicassem nada a ninguém, beberam cada um uma quantidade incontável deles. Estavam felizes. Ele vestiu o seu terno quase novo, ela sua roupa mais cômoda, e deitaram-se de mão dadas. Aos poucos dormiram. Não teriam mais de ir à reparição nem de suportar nada. Nem as pessoas, nem o trabalho, nem a falta de dinheiro. Dormiriam, enfim, eternamente, sem se preocupar com os atrasos.

Ele, quando sentiu o sono surgir violento e a falta de forças tomar seu corpo, pensou na confusão que seria na segunda-feira na reparição. Todos acostumados a lhe ver chegar cedo para arrumar o guichê não o veriam nunca mais.

Ela não pôde evitar o sorriso no último suspiro ao pensar na cara do seu chefe quando nunca mais lhe pudesse ameaçar...

Ricardo Liper



# "ALÉM DE PRETO, BICHA!"

Ser negro é ser minoria, logo estigmatizada. Nesse contexto, como o homossexual de cor se vê? O fato de ele ser negro não influi no aspecto da marginalização ser ainda mais forte? Ele não sofre mais acentuadamente a repressão imposta a todos os homossexuais devido ao fator cor? Outro aspecto a ser levantado é o seguinte: vivemos numa sociedade onde os valores culturais predominantes são de origem européia. Nessa seqüência de valores quase exclusivamente brancos, como se situa o indivíduo que possui características culturais distintas das desejáveis por toda uma sociedade? No caso por exemplo, do homossexual negro, o primeiro dado a ser levantado é este: no nosso país, a homossexualidade é marginalizada e até vista por muitos como uma espécie de crime. O outro dado a ser analisado é que as características culturais do negro, principalmente no campo da estética, não correspondem aos ideais desejáveis pela sociedade. Dentro desta engrenagem, como se situa o homossexual negro?

Sobre esta problemática do negro e o homossexualismo, o jornal *O Inimigo do Rei* fez um apanhado de vários depoimentos de homossexuais masculinos, negros e brancos, entidades culturais que se propõem a estudar a problemática do negro e nesta reportagem, transcreveremos estes vários depoimentos:

Bicha e Negro: "Duas Classes Altamente Inconscientes"

Para A. de Campos, 21 anos, pré-vestibulando de Ciências Sociais, o fato de ele ser negro e homossexual não faz muita diferença no tratamento dado pelas pessoas aos que por "opção ou predestinação", são homossexuais e negros, como ele faz questão de falar:

— Particularmente, não vejo muita diferença entre o homossexual negro e o branco. Acredito sinceramente que o problema maior que pode enfrentar o guei negro, não é tanto o fato de ser preto e sim o de ser homossexual. Acho que o problema que enfrenta o homossexual negro é o mesmo porque passa o branco: Muita solidão, angústia, exploração e muita marginalização. Agora, tem um detalhe: para os brancos, às vezes as oportunidades de arranjar "namorados", por exemplo, são melhores devido ao fator sócio-econômico. O elemento branco ocupa os melhores postos em termos de estratificação social. E daí tais indivíduos levarem vantagens sobre o elemento de cor."

A. de Campos, falando ainda sobre o negro e o homossexualismo, disse que até o momento não sentiu nenhuma discriminação racial entre os gueis, "embora acredite que deve haver, devido aos valores adquiridos por herança cultural, a nós legada pelos povos europeus que colonizaram este país."

Continuando seu pensamento, ele diz que "se existisse por parte do negro, no caso o brasileiro, uma luta em

termos pacíficos para adquirir maior participação na vida sócio-política do país, ou se os homossexuais, no Brasil, na Bahia melhor dizendo, se reunissem numa espécie de entidade e partissem para lutar pelo direito de serem respeitados como seres humanos, lhe responderia sinceramente que preferiria tomar o partido do lado dos gueis, e não o dos negros, embora assumo minha negritude com muita garra, sabe?"

"No momento — continua A. de Campos — me parece que não é tão importante se questionar sobre como o guei negro se vê; mais importante para mim seria que as pessoas de ambas as classes, homossexuais e negros, lutassem paralelamente contra uma sociedade que os discrimina de forma altamente desumana. E muitas vezes eles são responsáveis por esta discriminação, por falta de consciência de classe. Bicha e negro são duas classes altamente inconscientes."

E ele explica o porquê: "Por parte dos pretos a coisa está melhorando; basta você olhar estas agremiações novas que se propõem a estudar a situação do negro. Sobre as "bichas", elas são bastante fúteis; os homossexuais assimilam muitos valores da sociedade de consumo. Eles são bastante vaidosos".

Para concluir seu depoimento ele fez questão de frisar o que considera de grande importância: "Os homossexuais, em vez de se preocuparem em comprar roupas a prestação nas boutiques do Iguatemi, deveriam ler sobre a problemática do homossexualismo e partir para uma luta de classe. Bote af em sua reportagem que existem "entendidos", em Salvador, que aceitam fazer um trabalho de conscientização, sobre o que é o homossexualismo e isso com certeza faria com que as pessoas passassem a nos respeitar e compreenderiam melhor nosso problema".

## CANDOMBLÉ: "MEIO DE UNIR A CLASSE"

Segundo declarações de vários homossexuais negros e brancos, o problema da discriminação racial pratica-

mente não existe, embora o preconceito social, devido ao fator econômico, muitas vezes tenha sido citado como uma forma de separação entre eles.

Na Bahia, 87 por cento da população é de cor negra e grande parte desse contingente que trabalha está colocado nos subempregos. E dentro desse percentual negro que

exerce subprofissões, estariam também incluídos os homossexuais de cor. Se verificarmos, por exemplo, as atividades geralmente desempenhadas pelo homossexual negro na Bahia, pertencente à classe baixa, estas freqüentemente são ocupações marginais, como empregados domésticos ou trabalhando em barzinho na zona do baixo meretrício. Uma "bicha" entrevistada no **Terreiro de Jesus** disse à reportagem de "*O Inimigo do Rei*" que antes já havia tentado a profissão de ajudante de pedreiro, mas desistiu e foi se empregar como ajudante de cozinha num restaurante, que hoje não mais existe na Barra-Avenida. O entrevistado falou ainda humoristicamente que "bicha carregando pedra não dá, então o negócio foi partir pra cozinha da branca".

Outra atividade muito comum desempenhada pelo guei negro baiano é o de dançarino profissional, geralmente em grupos folclóricos. Supostamente, esses homossexuais foram descobertos em terreiros de candomblé.

Para muitos dos entrevistados, o candomblé é mais uma forma de aproximar os homossexuais pretos e brancos, "de unir mais a classe", como falou F. S. W. Ele fez esta suposição baseando-se em que, grande parte dos "entendidos", costumam freqüentar terreiros de macumba. E nesses centros, conforme muitos gueis, há um número muito grande de homossexuais de cor negra, e aí surgem as oportunidades de amizades.

## DISCRIMINAÇÃO MAIS LEVE: JÁ SOFREM PRECONCEITOS

Sobre a existência da discriminação racial entre os homossexuais, A. R. T., 17 anos, estudante do curso básico em um colégio público, em cuja certidão de nascimento consta "cúttis branca" referindo-se à integração racial entre os homossexuais declarou:

— Se existe discriminação racial entre os entendidos, deve ser de forma bem leve. Acho que o preconceito racial entre os homossexuais não existe pelo fato deles já serem iguais no campo da sexualidade e sabem como é chato ser discriminado. Acho que é por isso que eles têm abertura para aceitar sem distinção o negro".

Já Paulo Machado, 18 anos, estudante universitário, acha que existe alguma discriminação racial e, principalmente, social.

— A discriminação racial existe e muito, o que considero ilógico, se o homossexual é uma classe oprimida ele tem o dever de aceitar e apoiar todas as minorias oprimidas. Outro fato que prova a existência de outros tipos de discriminação no mundo guei é a existência de sub-divisões, termos como "bicha", "boneca", "entendido", se propõem a diferenciar formas de comportamento e classe social. Eu acho ridículo haver subdivisões, os homossexuais deviam ser um todo, um elo para que um dia possam a ser uma classe nessa sociedade."

## PRECONCEITO FAMILIAR

Abordando ainda o problema da discriminação existente entre os homossexuais, vários deles disseram que desconhecem expressões próprias para diferenciar o guei negro do guei branco. Alguns declararam que quando suas famílias se referem ao homossexualismo tratam o assunto superficialmente e com bastante preconceito, mas geralmente nunca fazem referência especial sobre o homossexual de cor.

Já outros entrevistados, principalmente os negros, disseram que suas famílias, quando se referem ao homossexualismo, falam do tema com desprezo e quando particularizam sobre o negro a referência é "como se fosse algo vergonhoso e que o preto jamais deveria ser para "não envergonhar a raça", disse D. B. C., balconista de uma casa de tecidos.

"Nega Fulô" é o pseudônimo adotado por um dançarino profissional que não quis se identificar. "Fulô" tem 20 anos e atualmente se prepara para o vestibular de Dança e diz que adora "fechar". Enquanto se preparava para começar sua aula de dança euforicamente ia falando: "Criatura, já ouvi mil vezes várias pessoas dizendo esta pequena expressão que eu acho ridícula, "além de negro, bicha", que prova que existe sutilmente certa discriminação racial contra o negro que é homossexual."

## NEGROS MAIS VIRIS?

É muito comum ouvir falar nos meios "entendidos" baianos e até em livros de sexologia que existe um preferência do europeu pelo negro. Alguns entrevistados afirmaram que existe realmente esta preferência, "inclusive tenho amigos negros que nos fins de ano ficam com suas agendas completas", disse um entrevistado.

Para muitos entrevistados, tal afirmação não passa de uma mistificação em cima do negro. Outros disseram

que este mito poderia ser mais uma forma de discriminar o negro.

— Isso é um mito machista que vem justamente discriminar o negro. As pessoas não são mais viris ou menos viris por causa de sua cor. Esta afirmação traz um forte ressentimento contra o negro, querendo achá-lo apenas como um objeto de prazer, afirmou Paulo Machado."

Marcelo Reis, estudante universitário, freqüentemente ajeitando a franja dos cabelos que teimava em esvoçar, provocada devido ao forte vento que batia numa noite de sexta-feira, no barzinho do ICBA, fala sobre a suposta preferência do europeu pelo negro.

— Não tenho nenhum dado que confirme isso, se isto é verdade, talvez seja uma discriminação, mas pode ser apenas um mito.

Acredito mesmo que se existe esta preferência é porque o europeu convive quase exclusivamente com brancos em seus países e o negro seria então um elemento exótico, desde quando eles não têm contato com o negro."

L.S.C. tem 18 anos e faz o 2º ano de Administração Técnica em um colégio localizado em Nazaré. Sobre o decantado gosto do europeu pelo indivíduo negro, ele fala:

— Eu me aceito como sou, além de negro e do "lance" do "entendimento". Sou uma pessoa muito aberta, sei aceitar as pessoas bitoladas que discriminam o negro e o homossexual. Quanto ao "lance" do europeu preferir o negro acho que é devido ao conflito racial que existe no país deles. No país em que o homossexual estrangeiro tem oportunidade de se aproximar de uma "figura" negra eles gostam, pois acham os pretos muito quentes".

L.C.S., acrescentou seu depoimento dizendo: "já tive um "caso" com um professor estrangeiro, foi um relacionamento muito bom que durou três meses".

"Nega Fulô", opinando sobre este aspecto, acha que "existe realmente a preferência do europeu pelo negro, isso porque ele é belo ou, no mínimo, possui muitos atributos físicos, que só os brasileiros não conseguem ver pelos seus preconceitos tolos".

"Fulô" disse que vê um perigo muito grande nesse mito de que o europeu prefere "transar" com o negro e explica o porquê.

— Esta preferência seria assim, uma transferência da época colonial para os nossos dias, o "senhor zinho" possuía todas as belas escravas à força e atualmente este absurdo continua com os homossexuais negros. E muitos gueis negros, por ingenuidade, se deixam levar por esta exploração e passam a só querer ter relações com brancos europeus. Isso me deixa muito triste, pois vejo que meus irmãos de cor não estão vendo que estão sendo usados como objetos sexuais".

## HÁ NEGROS QUE NÃO ADMITEM A EXISTÊNCIA DO GUEI PRETO

Depois de vermos vários depoimentos de homossexuais a respeito da sua problemática, transcrevemos agora a declaração prestada pelo **Grupo Malê: Cultura e Arte Negra** que depõe sobre a situação do negro e o homossexualismo.

"A repressão ao homossexualismo, hoje, assim como a qualquer grupo ou segmento social que não adote uma linha de comportamento e valores pré-estabelecidos, por uma escala de padrões que soam para nós aparentemente normais, está intimamente ligado a todo um sistema de dominação que se instaurou no mundo quando o direito de cada indivíduo assumir os seus próprios valores foi castrado passando a ser reprimido em função dos interesses de uma minoria dominante. Qualquer um outro tipo de comportamento que fugisse dessa escala de padrões que ela determinou, através das religiões, dos costumes "ocidentalescos", é colocado em um plano anti-social.

A própria repressão sexual, assim como a repressão imposta pelas religiões, tem como ponto básico, isolar estas pessoas ou grupos que fujam ou resistam a estes padrões de comportamento tidos por elas como anormais, para esmagar cada vez mais os mais marginalizados".

Referindo-se agora ao problema específico do homossexual negro, uma comissão do Grupo Malê disse: "Essa repressão se aguça mais ainda quando o homossexual é negro; ao branco não é permitido o homossexualismo, imagine ao próprio negro. Existe toda uma carga de estereótipos que procuram mostrar o negro como trabalhador braçal, viril e que desse modo não se admitiria o homossexualismo praticado pelo negro, o que seria até antiesférico. Essa visão é assumida por alguns negros que não admitem realmente a existência do homossexual negro, adquirida devido aos estereótipos pela minoria dominante de origem branca

Para os integrantes do Malê, a cultura européia, difundida em grande parte através do Catolicismo, muito contribuiu para a marginalização do homossexualismo: "Veja as religiões afro, como a Umbanda e o Candomblé, onde o homossexual é encarado como um ser igual a qualquer outro indivíduo".

Um componente do Grupo, acrescentou: "Acho válido até mesmo que o homossexual assim como a mulher e o índio, comecem a se organizar e a discutir abertamente com a sociedade os seus problemas. É preciso que o homossexual saia da noite e parta para discutir à luz do dia seus entraves para combater todos os estereótipos e os puritanismos que existem em torno dele".

Reportagem de Hamilton de Jesus Vieira.

# Homossexualismo & política

## O QUE É A HOMOSSEXUALIDADE?

Escrever sobre homossexualismo e começar com essa pergunta é a pior maneira de fazê-lo.

Pressupõe que precisamos explicá-lo ou justificá-lo antes de o situar politicamente. Parece ser necessário dizer antes que essa maneira de fazer sexo não é nada aberrante e apresentar argumentos que provem esse ponto de vista.

De uma certa maneira, aceita-se o que o povo tem como idéia corrente, que o homossexualismo é uma atividade anormal.

Não nos interessa aqui desmontar bem urdidias teorias psicológicas que tentam enquadrá-lo como doença. É mais importante mostrar porque essas teorias foram elaboradas. Porque o homossexualismo foi contaminado pela ideologia de classe e, portanto, falsificado em suas motivações e transformado num prato cheio para qualquer orientadora educacional de subúrbio.

Entretanto, devemos lembrar que por homossexualidade se entende o desejo sexual por uma pessoa do mesmo sexo, o carinho, o interesse até em estar com esta pessoa. É necessário que se perceba que homossexualismo é uma atitude que não envolve sexo somente, mas todo um relacionamento carinhoso entre pessoas do mesmo sexo. Muitas pessoas tidas como heterossexuais possuem um comportamento homossexual claro, com relações a amigos, sem nunca terem efetuado o contato corporal.

O homossexualismo é uma possibilidade erótica que está em todos os indivíduos. Existe a possibilidade de se gozar com o mesmo sexo. Dizer que não se gosta é uma questão de repressão sexual. Esta perspectiva existe como existe a possibilidade de se gozar com a própria mão, com um pedaço de pano, um travesseiro, um colchão de espuma, uma bananeira ou um animal qualquer.

A questão é porque certas pessoas transformam essa possibilidade erótica em realidade e porque, o ponto crucial para psicólogos e criaturinhas afins, preferem estas atividades à única que é considerada normal: o heterossexualismo.

## TODOS PODEM SER, SE QUISEREM

A resposta talvez esteja no histórico de vida da pessoa em questão.

Uma pessoa chega ao homossexualismo quando tem a oportunidade de experimentá-lo e, a depender das circunstâncias, realizar-se nele.

É uma questão de ambiente, de escolha, de oportunidade.

As causas que tornam alguém homossexual são as mais variadas e nunca explicam todos os casos. Isto é, as causas que fazem com que essas pessoas descubram o homossexualismo.

Um exemplo claro disso são as prisões que favorecem esta atividade. O ambiente propício com o agrupamento de um só sexo oferece oportunidades e as pessoas experimentam. Uma grande maioria se sente gratificada. Pode continuar praticando após sair da prisão ou nunca mais ter esse tipo de relacionamento ou ainda incluir na sua refeição sexual esse novo prato.

Chega-se então à conclusão que todos são homossexuais?

Não necessariamente. Mas sim, que todos têm possibilidades de sê-lo. O que impede uma grande maioria de experimentar a homossexualidade, assim como outras formas de sexo, é a repressão sexual. Dois rapazes ou duas moças não procuram o prazer nos seus corpos, às vezes mesmo o desejando, porque a repressão social e moral sobre eles é muito grande. Eles ficariam aterrorizados diante de si mesmos. Então sublimam esse desejo em amizades que muitas vezes são claramente um namoro, um amor platônico.

Por ser uma perspectiva erótica para qualquer um, a censura é tão rigorosa com esse tipo de prática sexual. Nunca seria permitido, num filme para adolescentes, apresentar-se um casal homossexual. Já pensaram se num filme de cowboy, no final, o herói, em vez de beijar a mocinha, beijasse o seu amiguinho com todo o pano de fundo da técnica de Hollywood, que é responsável pela formação de muitos de nossos hábitos?

## "A BICHA ALIENADA"

Já imaginaram se os personagens homossexuais não fossem necessariamente frescos, neuróticos e ridicularizados como o são quando aparecem, mas ao contrário, fossem heróis, másculos, sem trejeitos, suspiros e paetês?

O estereótipo de homossexual é uma imposição da sociedade, aceita pela bicha alienada. A sociedade estabelece que para amar outro homem deve-se ser fêmea; quer dizer, reproduzir o ato heterossexual e, portanto, ser incompleto e ridículo. A homossexualidade é o contrário. São dois machos que chegam ao orgasmo juntos sem abdicar de sua masculinidade.

Da mesma maneira que o negro alienado de sua negritude espicha os cabelos para parecer branco, o homossexual faz trejeitos para parecer mulher.

O horror à homossexualidade é fabricado pela polícia e pela censura e introjetado pela maioria que passa a ter medo de ser homossexual ou de experimentar qualquer tipo desse contato. Só em circunstâncias muito especiais a censura interna das pessoas é vencida pelo desejo de experimentar essa forma de sexo. Um exemplo interessante disso é que as crianças, em geral, praticam livremente a homossexualidade como se fosse uma brincadeira a mais. Isso Freud não explica, finge explicar. Quando crescem é que são "conscientizadas" pela sociedade repressora que "homem" não faz essas coisas e que a sociedade só dá os seus benefícios a "homens". Caso se faça esse tipo de sexo se perde o status de "homem" e, portanto, os privilégios sociais.

A maioria não pratica o homossexualismo, reprimindo-se para não perder o status de macho numa sociedade falocrata.

O raciocínio desse tipo de sociedade é que **ir para cama com um homem é virar mulher e mulher é um ser inferior.**

A ideologia de classe sacramenta esse pensamento fazendo crer que a bicha é inferior ainda mais do que a



Foto revista "Ajoblanco"

mulher porque é um herético. Renegou seu status de macho e tudo que a sociedade reserva para ele. A agressão ao homossexual tem sua base aí. É uma criatura que subverte os valores sociais da masculinidade declinando dele em troca de um prazer erótico e quando assim age, revela aos outros uma possibilidade erótica que todos podem ter, mas que não têm porque são reprimidos. Reprime-se o homossexual para se afirmar mais como macho e afastar a possibilidade de se pensar em fazer o mesmo que ele.

A questão central é, portanto, que homossexualismo é um problema de polícia e não da psicanálise, embora está última se ocupe às vezes disso por uma mania que tem de, vez por outra, ser uma extensão da delegacia.

## OS INIMIGOS DA HOMOSSEXUALIDADE

O que interessa aqui é explicar as razões pelas quais o homossexualismo passou a ser um estigma social.

Porque o que é mais importante nessa forma de se fazer sexo são as perseguições, veladas ou não, que o indivíduo sofre a partir de sua atividade sexual caracterizada por homossexualidade.

Qual a raiz dessa perseguição e desse esforço monumental em termos teóricos para enquadrar a homossexualidade em uma doença qualquer e, apressadamente, jogá-la numa terapia?

A perseguição ao homossexualismo tem raízes na estrutura econômica da sociedade de classe e revela o interesse das classes dominantes em manter as estruturas repressivas da sociedade.

A humanidade só percebeu que o ato sexual era o responsável pelo nascimento de crianças quando saiu do comunismo primitivo.

As tribos primitivas acreditavam que as crianças eram geradas por Deus, isto é, pela divindade da tribo. Assim sendo, o sexo, quer heterossexual quer homossexual, era livre porque era encarado como uma atividade lúdica.

Se o sol ou a lua são os responsáveis pelo nascimento das crianças assim como das plantas e dos animais, a atividade sexual separa-se da reprodução.

Daí se explica o ritual da fertilidade presente em todas as tribos e os mitos religiosos, inclusive o cristão que concebe o nascimento de Cristo por obra e graça do Espírito Santo em uma mulher virgem. É uma herança tardia dessas concepções primitivas.

Hitler perseguiu os homossexuais vic lentamente.

A sociedade capitalista os persegue com a mesma violência, apenas não mais os encerra em campos de concentração, mas os proíbe de viver dignamente, os encerra em guetos e os discrimina.

O marxismo é profundamente contra o homossexual.

Marx nunca se estendeu sobre o assunto, o que significa, claramente, que era uma coisa maldita e não deveria ser levada em conta. Os marxistas de todos os matizes ideológicos sempre afirmaram que o homossexualismo é fruto da decadência burguesa. No socialismo não haveria lugar para os homossexuais. O governo chinês diz não haver um homossexual na China. (Jornal do Brasil — Livro, 26 de setembro de 78). São sabidos e notórios os campos de cortar cana que Fidel estabeleceu em Cuba para reprimir os homossexuais. Ele obrigou, logo no início da vitória da revolução, aos homossexuais desfilarem nas ruas com um H nas costas, como Hitler fez com os judeus com a Estrela de Davi, para humilhá-los. Aos campos de concentração, onde encerrou os homossexuais, Fidel chamou-os eufemisticamente de campos de reeducação pelo trabalho.

Na URSS são violentamente reprimidos. Há leis severas contra o homossexual. Desterros na Sibéria, afastamento de cargos, perda de prestígio social, discriminação violenta, perseguições, assassinatos e, no caso de estrangeiros, expulsão do país. Não existe em toda a Rússia um local de encontros homossexuais. Só é tolerado alguns bares de artistas para o pessoal das embaixadas.

Homossexuais não podem entrar nos partidos comunistas e quando descobertos são expulsos sumariamente.

É comum na Rússia se submeter os homossexuais ao "tratamento" pavloviano. Esse "tratamento" é uma das muitas barbaridades sacramentadas pela psicologia. Em resumo: tortura-se o homossexual para forçá-lo a voltar ao heterossexualismo.

Entretanto, é possível que organizações paramarxistas utilizem os homossexuais, enquanto não estão no poder. Desde que eles não se tornem inconvenientes, os mantém nas suas fileiras para o trabalho político. Mas, se por acaso, no Brasil, qualquer grupo marxista tomasse o poder, fala-se que todas as bichas iriam para um campo de concentração, em Pernambuco, cortar cana.

Desde que uma sociedade conserve grupos dominantes esses fenômenos ocorrem. O marxismo não aboliu as classes, muito pelo contrário, colocou no poder um grupelho de intelectuais pequeno-burgueses. Esse grupo, semente de uma nova classe, possui uma mentalidade calvinista e é compreensível, a bem da moralidade pública e do estado socialista, reprimir os homossexuais.

Como disse recentemente um engraçadíssimo psicólogo metido à marxista, o homem é a tese, a mulher a antítese e o filho a síntese, logo o homossexualismo é anti-dialético, idealista e, portanto, deve ser "curado"...

Estamos diante de uma jóia do pensamento nacional marxista e ao mesmo tempo diante de um momento de alta comédia.

No final do comunismo primitivo, quando a propriedade privada começa a surgir e a produção é o resultado direto da posse da terra e da mão-de-obra escrava numerosa, torna-se crucial descobrir-se, por detrás das lendas, qual a verdadeira causa do nascimento dos escravos. O escravo era o trabalho que precisava ser reproduzido porque era peça vital no desenvolvimento das forças produtivas. Descobriu-se então que o sexo era o responsável pela procriação e a repressão da sociedade, estendeu suas garras até ele que tinha sido, até então, executado livremente.

Era necessário se controlar o nascimento e a reprodução dos escravos.

## A ATUALIDADE DA QUESTÃO

Quando uma sociedade cria um preconceito para servir aos seus interesses de classe, muitas vezes sua necessidade desaparece mas o preconceito ganha vida nova alimentando-se de estruturas sociais tardiamente moribundas.

Os preconceitos sociais podem sobreviver à sociedade que os gerou, desde que encontrem o solo fértil de uma nova sociedade de classes.

O porquê da homossexualidade ser tida como uma aberração está enraizado na sociedade escravocrata e no desperdício do sêmen, numa atividade puramente lúdica, sem finalidade reprodutora.

A partir daí, a sociedade passou a persegui-la e essa perseguição sobreviveu até nossos dias, perpetuando-se em todas as teorias de direita e em todas as teorias de esquerda, com exceção do anarquismo.

Continuando a série iniciada em seu nº 3, O INIMIGO DO REI oferece aos seus leitores o segundo Caderno de Autogestão, ao tempo em que convida a todos os interessados sobre o assunto que enviam seus trabalhos para serem publicados.

## AUTOGESTÃO - II

A palavra **autogestão** significa *gerir a si próprio*. Ela é nova na língua portuguesa, porém remonta a um fato antigo no âmbito história social, ligado às concepções de um socialismo libertário.

Podemos **autogerir** uma empresa, uma escola, um sindicato, uma comunidade agrícola, uma indústria, uma universidade, uma associação estudantil e a sociedade de forma global.

A **autogestão** pode se verificar ao nível das lutas sociais e a nível da organização social, sendo neste último caso, **parcial** ou **global**.

**HETEROGESTÃO**: é o contrário de **autogestão** e significa *gerido por outro*. É o que se verifica em quase todos os setores da sociedade industrial capitalista em que vivemos.

As recentes greves que ocorreram nas indústrias do ABC paulista nos fornecem exemplo típico de **autogestão** ao nível das lutas sociais. No III Congresso dos Metalúrgicos, realizado durante outubro último, em Guarujá (SP), os operários Anísio e Hélio, durante uma sessão, descreveram esse tipo de luta **autogestionária** (Em Tempo, n.º 33):

"Quando começaram as greves, os patrões não queriam falar com todo mundo junto, em assembléia, dentro da fábrica, nem tampouco que fossem todos que decidissem. Não sabiam inclusive, com quem falar para negociar. Queriam falar com poucos e ainda por cima queriam que estes poucos decidissem por todos. (Os grifos são nossos). Em muitos lugares, só a assembléia, feita durante a greve, decidia. Em outros lugares só a comissão.

Vimos que nos lugares em que a comissão só negociava e a decisão era de todos (da assembléia dos operários) a luta foi mais firme. Nas fábricas onde as comissões decidiam por conta própria a firmeza não foi a mesma. Por esta razão achamos que a comissão deve (apenas) negociar e só a assembléia de fábrica (pode) decidir.

"(...) A maior descoberta das comissões foi a de que sua força aumentava muito a cada assembléia geral feita dentro da fábrica. Outra lição tirada foi a de que quando algum representante falha, tem que ser substituído por outro eleito.

"Os melhores resultados foram obtidos quando a comissão foi formada por companheiros eleitos livremente em todas as sessões. Os piores resultados foram das fábricas onde as comissões foram indicadas pelos chefes ou através de votações mal feitas.

"Nossa conclusão é que os representantes de secções devem ser eleitos livremente e serem substituídos a qualquer momento, desde que seja a vontade de quem os elegeu (a assembléia geral)."

Nessa exposição claríssima, vimos como os operários chegaram, através de uma prática, a formular os princípios básicos da **autogestão** de lutas que são:

A) As decisões são tomadas ao nível das **assembléias gerais**, após debates.

b) A **assembléia geral** elege os membros da **comissão**.

c) Todo e qualquer membro da **comissão** pode ser substituído a qualquer momento pela **assembléia geral**.

d) A **comissão** leva as resoluções da **assembléia geral** e negocia.

e) Só a **assembléia geral** tem poder de decisão.

No processo de **heterogestão** se verifica o oposto. Uma diretoria ou uma comissão, ainda que eleita, negocia, decide por si e apresenta as resoluções como fato consumado à assembléia. É um processo centralista, essencialmente autoritário, alienante, pois, impede o conjunto dos membros de participar e assumir as responsabilidades.

### AUTOGESTÃO PARCIAL

Se **autogestão** significasse *estritamente gerir-se a si próprio*, poderíamos pensar que nesse caso os próprios patrões ou proprietários de empresas seriam pela **autogestão**, na medida em que achassem que eles próprios deveriam gerir suas empresas. Entretanto, sabemos que uma empresa não se compõe só de patrões e sim, substancialmente, de operários e técnicos. Teríamos que falar, então, em **autogestão dos trabalhadores** ou **autogestão operária**, que significa a empresa gerida coletivamente pelos trabalhadores.

Há inúmeros exemplos, no mundo atual, de empresas geridas pelos próprios trabalhadores, o que é, na realidade, a **autogestão parcial**. Assim, o período que se seguiu à queda da ditadura em Portugal, quantidade apreciável de proprietários abandonaram as suas empresas, retomadas por seus operários e postas em funcionamento em regime de **autogestão**. Não só empresas industriais como também agrícolas.

**Autogestão na Revolução Portuguesa**: na empresa Biolacta, produtora e distribuidora de iogurte, em Lisboa, por motivos de pagamento de salários, os operários entraram em conflito com o proprietário, que posteriormente abandonou o empreendimento. Os trabalhadores imediatamente elegeram uma **comissão de gestão** composta de oito pessoas, entraram em conexão com o sindicato da classe, asseguraram o fornecimento de matéria-prima, abriram conta bancária e prosseguiram todas as atividades a partir da eliminação patronal. Estabeleceram salários idênticos para todos e distribuíram os lucros obtidos. Resolveram os problemas através da **comissão de autogestão** e a partir da assembléia dos operários reunidos no interior da empresa.

Inúmeras empresas se autogestionaram no eclodir do 25 de Abril, tais como Confeccões Artedu (Braga), Têxteis Sousabreu (Guimarães), Restaurante Varanda do Chanceler (Lisboa), Confeccões Sogantal (Montijos) etc.

Foi sobretudo nas indústrias têxtil, confecções, móveis e laticínios que surgiu de improviso a **autogestão parcial**. A explicação para esse fenômeno é a de que estas são indústrias de tecnologia simples, de fácil aprendizagem para trabalhadores desqualificados profissionalmente. São indústrias com circuito de produção e de comercialização curtos; elas não têm necessidade de processos de produção complicados nem de intermediários.

Entretanto, é necessário observar que no tipo de **autogestão parcial** permanecem intatas as relações capitalistas. Há um salário, vende-se o produto, distribui-se a "mais valia", há concorrência de mercado com produtos similares. Em todos os outros aspectos da vida do operário (familiar, educativo, sanitário, lazer etc.) permanecem as relações capitalistas, o modo de vida não se modifica. Há alterações quanto à gestão que passa a ser direta (eliminação do

patrão), participação do operário, modificação das relações com os companheiros de empresa etc.

**Comunidad del Sur, Um Empreendimento Radical**: a 20 de agosto de 1955, um punhado de jovens, inicia em Montevideu, uma experiência de organização sem autoridade, autogestionária, de educação libertária, sem mestres nem diretores, e de relações livres, sem policiais nem coações.

O projeto abrangeu consumo, produção, habitação, educação, lazer e teve como base uma indústria tipográfica que se tornou, em breve tempo, uma das mais importantes do Uruguai. Ocasionalmente foram praticadas a horticultura e a cerâmica.

As oficinas estavam situadas no andar térreo de um edifício, enquanto que no primeiro andar se localizavam o salão de reuniões e refeições, alojamento para adultos, alojamento para crianças, cozinha etc. Todas as tarefas (tipografia, alimentação, limpeza, atendimento das crianças, educação etc.) eram feitas rotativamente, de sorte que todos os membros adultos da comunidade passassem por todas elas, tendo uma visão global do empreendimento e suas dificuldades.

Os salários foram abolidos. A comunidade prevista o atendimento das necessidades básicas de cada membro (alimentação, educação, vestuário, recreação, cultura e saúde) ficando apenas uma pequena quantia de dinheiro para uso de necessidades pessoais (cinema, teatro, transportes, cigarros etc.). Efetuou-se uma ruptura radical no sistema autoritário da educação das crianças, que passaram a ter voz ativa nas reuniões, apresentando suas queixas e reivindicações e sendo atendidas em seus anseios como todo e qualquer membro do empreendimento.

Abolida a moral sexual repressiva, o sexo foi considerado como manifestação vital do ser humano, de igual importância que a alimentação. Rompimento com a estrutura familiar patriarcal autoritária, baseada no triângulo pai, mãe e filho, partindo-se para a estrutura familiar comunitária em que a criança, por ser tratada por vários adultos (homens e mulheres) de caráter amoroso, não repressivo, desenvolvia de forma produtiva suas potencialidades, tornando-se ativa e original. Todos os problemas apresentados na comunidade, quer de origem individual ou coletiva, eram debatidos nas assembléias até se chegar a um consenso, de modo libertário. Numa das fases do evoluir do empreendimento **autogestionário**, os alojamentos foram transferidos para outro local onde se construíram casas mais confortáveis, permanecendo a tipografia no local anterior. A comunidade mantinha relações amistosas com toda a vizinhança do bairro e suas atividades e ideal de vida influenciaram os arredores. Como indivíduos politicamente conscientes, os membros da **Comunidad del Sur** não podiam ficar indiferentes aos gravíssimos problemas sócio-políticos do Uruguai. Tanto bastou para que a comunidade fosse invadida por forças militares, suas máquinas depredadas, seus componentes presos e torturados. A ditadura uruguaia não poderia tolerar dentro de sua fronteiras tal tipo de experiência.

Premidos pelas circunstâncias, seus membros emigraram para o Peru e posteriormente para a Suécia, onde atualmente reconstituem a

vida comunitária e estão se federando com outras organizações autogestionárias, fundando uma Comunidade de Comunidades.

Essa extraordinária realização durou, somente no Uruguai, 15 anos e tem prosseguimento na Suécia. Apesar de sua radicalidade (abolição de salários, modificação nas relações familiares, transformação na educação das crianças), ainda assim não deixa de ser um caso de **autogestão parcial**, pois mantém relação dentro do sistema capitalista de mercado, de concorrência na produção tipográfica. Ela funciona como um bolsão no mundo capitalista e está sujeira, como aconteceu, à intervenção dos poderes constituídos e às pressões do mercado, à luta desapiadada dos concorrentes, às negativas dos empréstimos de capitais com quem tem que haver qualquer empresa no regime atual.

**Kibutz, Uma Coletividade Radical:** Outra experiência magnífica em termos de **autogestão parcial** são as coletividades agrícolas e industriais de Israel, algumas com mais de 60 anos de existência, contendo uma população que varia entre 200 e 1.000 pessoas por unidade. Não há circulação de moeda dentro do Kibutz. Todas as decisões importantes são tomadas em assembleias gerais, nas quais também se escolhem as pessoas para determinadas tarefas: há rotatividade de encargos. Os serviços penosos ou desagradáveis se fazem por turnos de pessoas. Assim, todos têm de participar das funções de cozinha, por exemplo. A comunidade toma encargo de tudo que o indivíduo precisa, assim como a educação das crianças. A alimentação é igual para todos com exceção feita aos enfermos. As crianças têm sua residência própria, berçários, jardins de infância e são cuidadas por pessoal especializado, enquanto os pais se dedicam às tarefas diárias. A entrada na comunidade é livre. Não se exercem pressões nem obrigações morais para entrar ou sair. Vive-se de acordo com o princípio "de cada um conforme sua capacidade, a cada um segundo as suas necessidades". A produção do Kibutz é entregue a uma cooperativa que se encarrega da comercialização. Os kibutzim estão unidos por uma Federação em nível nacional. Os alimentos são tomadas em refeitórios coletivos, enquanto que cada família tem sua residência própria.

Os kibutzim representam, pelo seu porte, uma experiência de maior extensão, pois são perto de 300 e com uma população total em torno de 100.000 pessoas. Entretanto, eles estão dentro do marco estatal capitalista, sofrendo inúmeras pressões. Em que pese a radicalização do ponto de vista econômico, continuam presos a várias tradições familiares, religiosas, sexuais, políticas... Ainda que tenham uma atividade cultural enorme — bibliotecas, conferências, concertos, teatro etc. — permanecem de modo geral ligados às tradições nacionalistas e religiosas de modo anacrônico. Portanto, são uma experiência **autogestionária parcial**, ressaltando-se, no entanto, seu grande valor como experimentação prática.

### AUTOGESTÃO GLOBAL

O regime de capitalismo selvagem em que o crescimento, a produção e o mercado dominam todos os setores da vida, está conduzindo a humanidade a um terrível impasse. Inventamos a sociedade de transporte individual

e atulhamos as cidades de automóveis. Desperdiçamos energia petrolífera, construímos milhares de quilômetros de asfalto em detrimento do transporte ferroviário e fluvial. Investimos capital e trabalho na construção de usinas atômicas, na esperança de solucionarmos o problema energético e nos desinteressamos da captação da energia solar, eólica, das marés... Devastamos florestas, implantamos desertos, contaminamos rios, lagos e oceanos com dejetos industriais. Construímos monstros de cal e pedra: residimos cada vez pior.

A filosofia nefasta do consumismo, induzida pelos meios de comunicação: TV, rádio, jornais etc., está levando à expoliação total da Terra, o empobrecimento dos países subdesenvolvidos, à fome de milhares de seres humanos em benefício de países industrializados que buscam suas fontes primárias nos países periféricos, e ao império das multinacionais.

Para sustentar esse caos e o domínio de poucos, criam-se burocracias devastadoras, partidos políticos inoperantes, intervenção estatal, organismos de repressão fortemente armados e treinados, afasta-se o povo de todos os meios de informação correta e de decisão com consciência.

Vivemos a típica sociedade de **heterogestão** em que poucos usufruem, decidem por todos e impõem suas decisões aos demais.

Produzimos, não para satisfazer necessidades, mas somos condicionados a consumir

**Países "Socialistas":** nestes 14 países, onde por muito tempo se acreditou que a estatização dos meios de produção fosse condição fundamental para a modificação da vida, observa-se o totalitarismo estatal erigido em modelo. Esqueceram-se que com uma real socialização dos meios de produção tinha que vir uma socialização dos meios de informação e decisão. A possibilidade de decisão e informação ficou com a burocracia do Partido Comunista, erigida em classe dominante. Para o resto da população dominada, a obrigação de produzir e obedecer. O modelo "socialista" nada mais é que um regime burocrático-estatal, fortemente policiado, com seus Gulags, prisões psiquiátricas, sua ética retrógrada e autoritária, seu dogmatismo feroz da religião marxista, seu imperialismo econômico e territorial. Um regime também capitalista de **heterogestão estatal**, alienante e insatisfatório em todos os níveis da vida.

**PROPOSTAS:** um projeto de modificação da vida, tem que superar as estruturas vigentes, se efetuar à margem delas e adotar a forma de **autogestão global**, isto é, atingir todos os setores sociais.

A transformação tem que partir da base para o ápice e deverá se processar nos indivíduos e na organização social a um só tempo. A nível do trabalho — empresas industriais, de transporte, agrícolas, sanitárias; cultura administração, universidade: apropriação da empresa, eleição de um conselho de gestão. A **autogestão da empresa** consiste na detenção dos meios de produção e decisão através de organismo gestores (conselhos de gestão) referendados pela assembleia geral da empresa.

Os diversos conselhos de gestão de empresa se **federam** a nível regional e se **confederam** a nível nacional. O federalismo implica que cada instância se mantenha estritamente no seu

campo e não invada a outra instância. Este princípio é válido nos dois sentidos. Tal como a empresa não está habilitada a tomar sozinha uma decisão que diga respeito ao conjunto de seu ramo econômico, também o organismo que representa o ramo não pode substituir o trabalhador. Todo organismo federal ou confederal só tem a possibilidade de desempenhar um papel de coordenação, de informação e nunca de direção.

A **autogestão global da sociedade** só é possível com a **autogestão das empresas** e a **autogestão das empresas** só é real se for coroada pela **autogestão social global**.

Quanto ao consumo, será necessária a criação de conselhos comunitários para a gestão de moradias, urbanismo, transporte, lazer. No capítulo referente à cultura, às escolas e universidades, tudo isso mereceria um estudo à parte. Elas constituem, na atualidade, instituições ideológicas e repressivas. O sistema dominante, para se manter, precisa que sua ideologia e suas relações de produção se mantenham e se reproduzam. O desenvolvimento do capitalismo o obrigou a exigir mão-de-obra cada vez mais qualificada, mais rica em conhecimentos técnicos, para usar a tecnologia moderna, fundamental no aumento do capital. É como objeto e não como sujeito que os jovens entram na escola, não se apercebendo disso, no entanto. A Universidade é seletiva, elimina os filhos de trabalhadores para dar primazia aos filhos da classe burguesa ou de altos funcionários, de acordo com a necessidade do Sistema. É, pois, dentro dessa perspectiva, que se torna necessário romper com a relação autoritária professor-aluno, mas também, destes com o pessoal não-docente, romper com o ensino imposto de fora (pela classe dominante), enfim realizar a integração da Universidade na comunidade local. O ensino não pode ser separado da vida e a teoria não substitui a prática, porém ambas se complementam e se modificam.

Ainda ao nível da cultura, a gestão da televisão, rádio, imprensa, editoras, espetáculos, esportes.

Na saúde, gestão de hospitais, farmácias, casas de saúde.

Para atingirmos o objetivo de uma sociedade autogestionária global, temos que iniciar pela **autogestão de lutas**. Isto não significa a criação de um "Partido Operário", ou votar num político da esquerda ou da direita, eleger um presidente, pois nessas ações estaríamos delegando poderes para que outros resolvam o que só nós próprios podemos resolver. A política partidária é a **heterogestão** e a continuidade da alienação.

**Autogestão de lutas** significa a participação aqui e agora, nos organismos das ruas, bairros e cidades; nas salas de aulas, escolas, universidades; nas oficinas, empresas e sindicatos; nos centros de cultura e organismos esportivos; nos hospitais, meios de transportes, no seio da própria família. Na cidade e no campo, forjando as ferramentas que irão iniciar a construção de um **socialismo de autogestão**, vigoroso, libertário, única resposta e solução para a crise global em que se debate a sociedade capitalista industrial.

ARMIRO SEIXAS

Continuando a série iniciada em seu nº 3, **O INIMIGO DO REI** oferece aos seus leitores o segundo Caderno de Autogestão, ao tempo em que convida a todos os interessados sobre o assunto que enviem seus trabalhos para serem publicados.

# AUTOGESTÃO - II



Stalin

Em termos jornalísticos, não há a mínima razão para se comemorar uma data "quebrada", como os 38 anos da Morte de Lev Davidovitch Bronstein ou Leon Trotsky (como ficou conhecido), assassinado a mando de Stalin em 1940.

O que levou a imprensa brasileira a fazer matérias a respeito, foi por certo a publicação, no jornal do PC francês, "L'Humanité", de um trecho do livro do comunista mexicano Valentín Campa. Neste livro, Campa conta que foi por ordem de Stalin que Trotsky foi assassinado.

O fato não é novidade para ninguém, só o seria, teoricamente, para os comunistas franceses. Estes, nas páginas dos jornais do seu partido, só tinham conhecimento de que Trotsky foi agente imperialista que comunicou aos inimigos os planos da Revolução Bolchevique, como reza a Enciclopédia Soviética.

O fato do PC francês querer reabilitar Trotsky, deve ser considerado como apenas mais uma jogada do seu líder, George Marchais, que tem se distanciado dos soviéticos que quiseram substituí-lo na marra, por ocasião de um enfarte de que foi acometido. E mais ainda, querer reabilitar Trotsky em nome do "eurocomunismo", como se Lev fosse um exemplo de democracia socialista, é, antes de tudo, querer forçar a barra. Trotsky pode ser apontado como ideólogo de tudo, menos de um pluralismo socialista, como quer o PCF. E isto pode se afirmar estando em presença da obra do inimigo de Stalin. Não há nela referências a nenhum tipo de convivência política com dissidências, sejam de que matizes forem.

Somente para ilustrar, Trotsky, com uma frase, destrói qualquer esperança eurocomunista de Marchais: "Como marxistas nunca fomos partidários do formalismo democrático". Pragmático, nunca hesitou em destruir tantos quantos se lhe aparecessem pela frente.

#### LEÃO, O IMPLACÁVEL

Para consolidar o poder de Lenin e o seu, na Rússia, Trotsky levou os anarquistas, comandados por Nestor Makhno, a uma armadilha onde foram fuzilados.

Makhno organizara um exército guerrilheiro que combateu as tropas brancas de Wrangel e Denikin, consolidando um território libertado maior que a Bélgica e a Holanda juntas. Lutando bravamente contra os reacionários, estabeleceram um sistema de autogestão camponesa na Ucrânia. Trotsky, chefe

# TROTSKY

## Nem profeta armado nem desarmado, apenas um ditador frustrado.



Trotsky

do Exército Vermelho, utilizou os guerrilheiros de Makhno duas vezes para enfrentar as tropas brancas. Mas já percebia que aqueles camponeses estavam lutando por uma revolução proletária autêntica, que não se deixariam dominar por uma burocracia emergente. Sabendo ainda mais das tendências anarquistas de Makhno, os bolchevistas marcaram um conselho militar dos oficiais da guerrilha anarquista; quando estes últimos chegaram, foram logo presos e sumariamente fuzilados. Só Makhno conseguiu fugir através da fronteira romena.

O "democratismo" de Trotsky também, tem outro belo exemplo no massacre dos marinheiros de Kronstadt. Esta era uma fortaleza no golfo da Finlândia, a poucos quilômetros de Laningrado (na época Petrogrado). Os marinheiros que ali serviam tiveram papel dos mais importantes na Revolução de Outubro; o próprio Trotsky disse deles que eram "o orgulho e glória da Revolução Russa". Mas quando os marinheiros de Kronstadt mandaram uma delegação a Petrogrado para apoiar uma greve dos trabalhadores desta cidade, foram interceptados pelos comandados de Trotsky. Voltaram à fortaleza e fizeram comícios onde repudiavam a tendência totalitária dos bolchevistas, que queriam se assenhorear da vida operária, calando e usurpando a verdadeira Revolução. Os marinheiros exigiram que fosse convocado um congresso dos soviets e que fosse assegurada à classe operária a direção da nova sociedade. Trotsky, conhecido como "mão-de-ferro", deu a este grito revolucionário, dos marinheiros e operários, a resposta que se poderia esperar dele: "Se persistirem na vossa atitude, caçar-vos-emos como perizes", bradava pelo rádio aos amotinados.

No que Daniel Guérin classificou de "orgia de sangue", o marechal czarista (agora a serviço dos bolchevistas e sob o mando de Trotsky) Toukhatchevsky sufocou a rebelião operária. Já Alexander Berkan concluiu, na época, que "Kronstadt fez voar em pedaços o mito do Estado proletário; demonstrou que havia incompatibilidade entre a ditadura do partido comunista e a Revolução".

#### ESOTERISMO IDEOLÓGICO

Os trotskistas, fazendo uma leitura cabalística do seu líder espiritual, não acham o mesmo. Para eles, a União Soviética é um Estado Operário, só que "degenerado". Sim. Espanto geral. "Estado Operário Degenerado". E desta

bobagem em diante, Trotsky explica que a burocracia reinante na URSS é que transformou o país em um totalitarismo. Mas que isto não é devido às estruturas econômicas implantadas pelos comunistas. Os operários voltaram a ser assalariados por causa da maldade de Stalin. Trotsky só não diz claramente que Stalin era perverso, porque descambaria para o ridículo. Mas suas análises do surgimento da burocracia asfixiante da URSS podem ser classificadas, até pelo mais leigo dos leitores de Marx, de puro IDEALISMO.

E por que idealismo? Porque quando faz análise das estruturas de dominação burguesa, Trotsky é um materialista dialético, atribuindo ao modo de produção capitalista (organização econômica da sociedade burguesa), o fator determinante das estruturas políticas correspondentes. Até aí tudo bem. Não há socialista, mesmo não-marxista, que possa contestar a interpretação materialista de Marx, corroborada por Lev Davidovitch. O que espanta, no entanto, é que, quando parte para analisar a estrutura política da sociedade "socialista" russa, Trotsky atribui o burocratismo totalitário à personalidade de um único homem: Stalin, que passa a ser, então, a personagem central da história russa. Já não é mais a economia que determina a história e sim os faniquitos autoritários de Stalin. Melhor interpretação idealista da história só encontraremos nos escribas burgueses para quem o mundo se transforma pela vontade de alguns iluminados (como Lincoln?) ou maldosos (como Hitler).

Concluindo: quando se trata da burguesia e seu Estado, a análise é materialista dialética. Agora, quando se trata da burocracia comunista (apesar de ser Trotsky, teoricamente, seu mais feroz adversário), a análise passa a idealista. O que falta, os trotskistas explicarem, é por que um estado operário "degenera", como lembrou Glucksmann. Porque apenas sugerir bálsamos contra o stalinismo, como uma suposta "revolução permanente", não explica nada. É preciso que fique claro aos trotskistas que as idéias que eles difundem deixam de ser sérias a partir do momento em que eles culpam um homem pelo fracasso da revolução russa. Deixando, assim, intocável o Estado totalitário do qual Trotsky foi o maior artífice, ficando o próprio Lenin em segundo plano. Se há alguém responsável pela redução do proletariado russo à nova escravidão salarizada (a continuarmos na linha idealista de raciocínio), este alguém seria o próprio Trotsky, que dava respaldo militar (comandou e organizou o Exército Vermelho) às propostas de Lenin de controle estatal dos sindicatos, descaracterização dos soviets e sua ulterior destruição. Trotsky, em verdade,

seria o precursor do stalinismo que ele tanto combateu depois de ser aliado da sucessão ao trono de Lenin.

Se os trotskistas querem fazer análise da burocracia comunista (e da redução do proletariado russo ao salarizado), devem-no fazer movidos não pela moral — que papai Marx tanto menosprezava em se tratando de política — e sim pelo desejo de estabelecer alguns postulados científicos. Em se tratando das idéias de Trotsky, as considerações pecam pela fuga à análise científica do aparecimento da burocracia totalitária, não um fruto das idéias de um homem, Stalin, e sim fruto da organização econômica centralizada e autoritária, tendo como gestor um Estado policial, criador de privilégios para uma nova classe.

#### A OPRESSÃO PRESENTE

Quando os trotskistas chegaram a este ponto, de crítica ao Estado, entenderam porque na conclusão de seu livro, "Como Fizemos a Revolução", Trotsky diz que "a guerra civil levanta tendências anarquistas entre as classes trabalhadoras" e que "a forma anárquica de despertar é uma resultante inevitável da opressão anterior. Uma nova ordem apenas será possível baseada numa produção comandada pelos próprios trabalhadores, libertos das forças anarquistas da Revolução".

Quer dizer, os operários em sua Revolução, desprezam o Estado etendêm para a anarquia devido à **opressão anterior**. E para combater a anarquia organiza-se a **opressão presente**. Em vez de organizar a anarquia, Trotsky sufocou-a, o que é, fundamentalmente, reacionário. Mas muito antes disso, a análise trotskista já estancou devido ao seu dogmatismo.

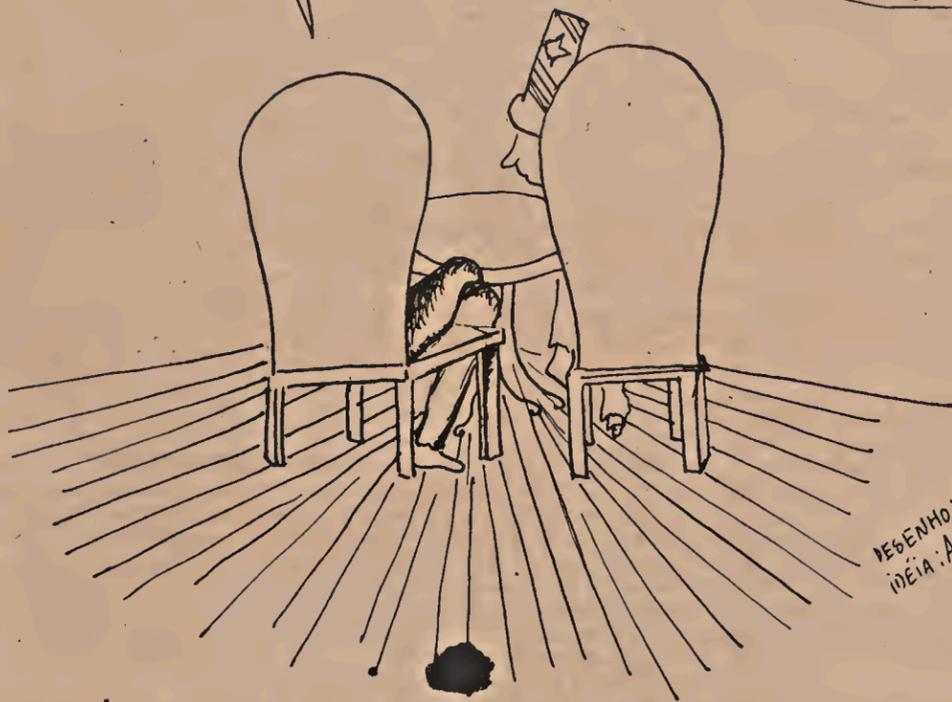
Em verdade, é quando Trotsky e Lenin se desvencilham do sovietsmo e buscam a ascensão ao poder do Estado, justamente aí, é que se dá o enterro, não só da "anarquia" a que se refere Trotsky, mas também, da Revolução enquanto proletária. Dando assim início ao governo dos intelectuais da pequena burguesia. Para concluir a respeito da destruição dos conselhos de operários, soldados e camponeses pelos bolchevistas, só deixando o próprio Trotsky falar: "Enquanto éramos da oposição tínhamos este grito de guerra: "todo o poder para os Sovietes!" Mas quando constituímos uma maioria relativamente a eles, ou aos principais, começamos a lutar por conseguir o poder".

Só que a luta do poder pelo poder (em que Trotsky se empenhou), também tem derrotados. E isto não estava nos planos do "mão-de-ferro": assim como ele assinou todos os seus inimigos políticos (socialistas revolucionários de esquerda e anarquistas) morreu ele também assassinado por seu maior inimigo, Stalin.

# O BOBO DA CORTE

DOS JORNAIS: "UMA DAS VANTAGENS QUE OS INVESTIDORES ESTRANGEIROS VÊEM NO BRASIL É QUE TEMOS RESERVAS NATURAIS DE SOBRA PARA GARANTIR A SITUAÇÃO ECONÔMICA."

Ok, ok mister! Dois terços da Amazônia, metade do Piauí e não se fala mais no assunto, all right?



DESENHO: C.R.  
IDÉIA: Alex

De agora em diante, todo chinês que, depois do arroz, se sentir mao, pode beber uma Boca.



DESENHO: C.R.  
IDÉIA: Alex

Faça Sua Assinatura



Assine "O INIMIGO DO REI". Basta que você mande um cheque nominal ou vale postal em nome de Antonio Carlos C. Pacheco, no valor de Cr\$ 60,00.

Se você quiser receber sua assinatura grátis, tire três (3) xerox do cupon e passe a três amigos. Envie os cupons e os cheques no mesmo envelope e sua assinatura será nosso presente a você.

Ao Jornal  
"O INIMIGO DO REI"  
Caixa Postal: 2540  
40.000 - Salvador - Bahia

Desejo receber uma assinatura anual de O INIMIGO DO REI, correspondente a seis edições bimensais.

NOME.....

ENDEREÇO.....

CEP..... CIDADE..... ESTADO.....

Faça de LAMPIÃO da Esquina o seu jornal. Assine agora.

Envie cheque ou vale postal para a Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. - Caixa Postal 41031 - Santa Teresa - Rio de Janeiro-RJ, CEP 20000



Desejo receber uma assinatura anual de LAMPIÃO da Esquina ao preço de Cr\$ 180

Nome.....

Endereço.....

CEP..... Cidade..... Estado.....